

Schwanke, Luiz Henrique

Joinville, SC, 1951

Formado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Paraná, participa desde 1977 dos principais salões de arte brasileiros. De 1977 a 1985, recebeu oito prêmios em salões realizados no Paraná. Nesse último ano, foi igualmente premiado no Salão de Artes Plásticas de Pernambuco, no Salão Nacional de Arte de Belo Horizonte (grande prêmio). Figurou no Salão Nacional de Artes Plásticas (em 1986, prêmio de aquisição, e 1988), na mostra "Caminhos do Desenho Brasileiro" (Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1986) e da Bienal Latino-Americana de Arte sobre Papel, de Buenos Aires, em 1987. Reside em Curitiba.

Schwanke, Luiz Henrique

"A proposta de Schwanke, em nosso entender, é uma irônica desmistificação do monumento. Em lugar do mármore, do bronze e dos heróis nacionais, materiais mais condizentes com a pobreza do país e sua exaltação aos frutos tropicais, que nos alimentam mais dignamente que a nudez dos bustos em praça pública. Por outro lado, Schwanke retoma a vertente da arte "povera" dos anos 70, que ridicularizava o acrílico e o aço inoxidável das competições oficiais, apelando para a volta a materiais mais humildes".

Harry Laus, 1988.

Bevilacqua, Carlos

"Estas esculturas procuram redefinir plasticamente o conceito de estático e dinâmico, estabelecendo um elo de ligação entre ambos, conjugando-os, em lugar de acentuar a oposição que em geral os caracteriza. Elas procuram resgatar a idéia de tempo no conceito do estático, partindo do fato de que, o que é hoje e agora assim, já foi diferente no passado. O dinâmico mantém a idéia do tempo, mas prevê a mudança futura do que é assim hoje e agora. O estático é a projeção do passado e o dinâmico projeta-se no futuro. Ambos contêm, essencialmente, a idéia de tempo. Um é o movimento que foi, o outro é o movimento que será. Uma estrutura flexível, instável, prestes a se mover, está imóvel. Estático e dinâmico, separados e unidos por um momento".

Carlos Bevilacqua, 1988

Bevilacqua, Carlos

Rio de Janeiro, RJ, 1965

Participou do Salão Paulista de Arte Moderna (1988) e realizou individual no Espaço Alternativo da Funarte, dentro do Projeto Macunaíma. Reside no Rio de Janeiro.

Ascânio MMM (Ascânio Maria Martins Monteiro)

Fão, Portugal, 1941

Muda-se com a família para o Brasil em 1959, fixando residência no Rio de Janeiro. Entre 1963 e 1964 frequenta a Escola Nacional de Belas Artes, ingressando no ano seguinte, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, onde se formou. Suas primeiras participações em coletivas ocorreram em 1966, no Salão de Abril e Salão Nacional de Arte de Brasília. Seguem-se as Bienais de São Paulo, 1967, e da Bahia, 1968, o Salão da Bússola, em 1969, no qual é premiado com aquisição, o Resumo/JB, em 1970, o Panorama da Arte Atual Brasileira, do Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1971 e 1972 (grande prêmio de escultura) e o Salão da Eletrobrás, em 1971. Participou do Salão Nacional de Arte Moderna entre 1966 e 1972, recebendo o prêmio de viagem ao exterior em 1978. Figurou ainda na Bienal de Escultura ao Ar Livre de Antuérpia, Bélgica, em 1971, na I Exposição de Escultura ao Ar Livre na sede social do SESC/Tijuca, no Rio de Janeiro, em 1977, nas mostras "Objeto na Arte: Brasil Anos 60", no Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado, em 1978, "100 Anos de Escultura no Brasil", no Museu de Arte de São Paulo, em 1982, "Arte Brasileira", Coleção Gilberto Chateaubriand, na Fundação Gulbenkian, em Lisboa, 1982, "Madeira, Matéria de Arte", no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em 1984, "Depoimento de uma geração 1969-1970", na Galeria do Banerj, 1986, "Exposição Internacional de Arte Efêmera", em Fortaleza, 1986 e "Exposição Nacional de Múltiplos", realizada na Petite Galerie, no Rio de Janeiro, e na Galeria Múltipla, em São Paulo, 1972. Realizou cerca de 10 individuais no Rio de Janeiro e em São Paulo. Reside no Rio de Janeiro.

Ascânio MMM (Ascânio Maria Martins Monteiro)

"Neste momento, o artista troca a suavidade de visual pela presença marcante de uma estrutura sólida (compacta). Sua escultura adquire a monumentalidade abafada da arquitetura. O que Ascânio faz é uma espécie de inversão de seu trabalho, de sua trajetória já consagrada. Aceita os novos desafios e passa a travar um combate que dispensa suas fórmulas ou soluções passadas e amplamente conhecidas. Nestes momentos cada vez mais fugazes que vivemos, Ascânio insiste em costurar a permanência, através da amarração que sua obra vem desenhando ao longo dos anos".

Márcio Doctors, 1984

Barrão, Jorge

Rio de Janeiro, RJ, 1959

Com Alexandre Dacosta e Ricardo Basbaum, forma o Grupo Seis Mãos, que realizou em 1983 uma série de "improvisos para pintura e música", em ruas, praças e faculdades do Rio de Janeiro e, a partir de 1984, performances no Rio de Janeiro, São Paulo e em Guadalajara, no México. Atuando sózinho, participou de "Arte na Rua", em 1983 e 1984, com outdoors em São Paulo e no Rio de Janeiro. Um dos participantes da mostra "Como vai você, geração 80?", na Escola de Artes Visuais, 1984, figurou ainda no Salão Nacional de Arte Moderna, 1985, e nas mostras "A nova dimensão do objeto" (Museu de Arte Contemporânea da USP) 1986, "Pintura fora do quadro" (Galeria Espaço Capital, em Brasília, e Casa de Cultura Laura Alvim, Rio de Janeiro) 1987, "Nova Escultura" (Petite Galerie, "Subindo a Serra" (Palácio da Artes, Belo Horizonte) e "68 x 88 - No balanço dos anos" (Espaço Cultural Sérgio Porto, Rio de Janeiro), todas em 1988. Realizou individual no Centro Empresarial Rio, em 1986. Tem atuado também como artista gráfico e realizador de vídeos. Reside no Rio de Janeiro.

Barrão, Jorge

"O impacto de Barrão, compreende a sabedoria mecânica eletro-eletrônica somada à manipulação da dimensão imaterial que qualquer utensílio cultural carrega consigo, através do tempo. Sobretudo se este tempo é próximo e compacto - pois então, passado e presente comprimem-se ao ponto de quase anularem-se numa equação de raiz zero".

Ricardo Basbaum, 1986

Nakle, Gustavo

"Nakle cria um novo mundo, que é o renascimento de um mundo primário que nossa cultura expulsou, impondo o dever de sujeitar-se a formas visíveis e renunciar às da imaginação. Imaginação que está viva em todos e é campo de encontro de todos. Por isso a arte de Nakle, é popular: não porque seja a arte dos pobres, mas porque é patrimônio de todos".

Angel Kalemberg, 1988

Nakle, Gustavo

Montevidéu, Uruguai, 1951

Entre 1968 e 1970, cursou a Escola Nacional de Belas Artes de Montevidéu. Realizou sua primeira individual na Galeria Subte, de Montevidéu, em 1972. Transfere-se no ano seguinte, para o Brasil, fixando residência em Porto Alegre. Em 1984 instala escultura de sete metros na capital gaúcha e, em 1986, para a Vinícola Aurora em Bento Gonçalves, cria o conjunto escultórico "Fontana di Bacco", com várias figuras. Realiza novas individuais e figura na Bienal de São Paulo em 1987. Reside em Porto Alegre.

Fajardo, Carlos

São Paulo, SP, 1941

Estudou arquitetura na Universidade de Mackenzie, entre 1963 e 1969, mas não concluiu o curso. Estudou desenho, pintura e comunicação visual com Wesley Duke Lee, (1964) e gravura com Maciej Babinski e Regina Silveira, respectivamente em 1970 e 1979. Integrou em 1966 o Grupo Rex e formou com José Resende, Luis Paulo Baravelli e Frederico Nasser, a Escola Brasil (1970-1974) expondo com estes últimos, nos Museus de Arte Moderna do Rio de Janeiro e no Museu de Arte Contemporânea da USP, em 1970. Participou das mostras "Jovem Arte Contemporânea" (Museu de Arte Contemporânea da USP) em 1967, "Retorno à figuração" (Museu Lasar Segall), em 1979, "O objeto na Arte Brasileira - Os anos 60" (Fundação Armando Álvares Penteado) em 1979, "O desenho como instrumento" (Pinacoteca de São Paulo) 1979, "Entre a Mancha e a Figura" (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro) 1982, "3.4 - Grandes Formatos" (Centro Empresarial Rio), 1983 e "Em busca da essência - Elementos de Redução na Arte Brasileira" (Fundação Bienal de São Paulo), 1987. Figurou ainda nas Bienais de São Paulo (1967 e 1981) e Veneza (1978) e na "Exposição Internacional de Escultura Efêmera" (Fortaleza) em 1986. Realizou individuais no Rio de Janeiro e São Paulo. Reside em São Paulo.

Fajardo, Carlos

"Pinta com os olhos, isto é, escolhe a pintura onde ela se encontra, ou melhor, nos próprios materiais empregados na construção de coisas que não são pintura. Placas de fórmica, chapas de ferro ou colchões de ar. Limita-se a aproximá-los, a armar com eles certas equações cromáticas, entre o pesado da chapa de ferro (e esta sensação é puramente visual) e o leve dos colchões de plástico colorido, entre cheios e vazios".

Frederico Morais, 1983

Guto Lacaz (Carlos Augusto Martins Lacaz)

"O artista plástico paulistano Guto Lacaz, é autor de performances, pequenas esculturas, desenho industrial e um amplo trabalho nas artes gráficas. Na sua sala na Bienal, Guto mostra um conjunto de objetos refeitos cuja ênfase agora está centrada no seu aspecto físico mais insólito. Trabalhos cheios de mensagens ocultas ou propositalmente óbvias. Suas referências são sutilíssimas: suprematismo, dadaísmo, multimídia. Os objetos/obras de Guto Lacaz são carregados de uma energia estética, perplexidade e individualismo que têm alimentado todas as estéticas do século XX".

João Pedrosa, 1985

Guto Lacaz (Carlos Augusto Martins Lacaz)

São Paulo, SP, 1948

Estudou eletrônica no Liceu Eduardo Prado e formou-se em arquitetura pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São José dos Campos, em São Paulo. Designer, foi premiado na "I Mostra do móvel e do objeto inusitado", promovida pela Galeria de Arte Aplicada. Performer, apresentou-se no Centro Cultural São Paulo e no Teatro Sérgio Cardoso, em 1984, e na Sala Funarte, em São Paulo, em 1986. Artista gráfico, foi editor de arte da Revista Around. Participou de mais de uma dezena de mostras coletivas e entre outras, "Desenho como instrumento" (Pinacoteca de São Paulo, 1979), "Arte e tecnologia" (Museu de Arte Contemporânea da USP, 1985), "Exposição Internacional de Esculturas Efêmeras" e "Imagine o Halley", ambas em Fortaleza, "A Nova Dimensão do Objeto" (Museu de Arte Contemporânea da USP), "A trama do gosto" (Fundação Bienal de São Paulo), "Virada do Século" (Pinacoteca de São Paulo), "12 Artistas e um Computador", Museu da Casa Brasileira, todas em 1986, "La deuda externa" (Centro de Cultura San Martín, Buenos Aires, 1986), "Modernidade - Art Brésilien du XXe. Siècle", (Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris, 1986) e "Brazilian Projects" (Project Studios One/PS 1, em Nova York, 1987), "Le déjeuner sur l'art - Manet no Brasil", Escola de Artes Visuais, 1988 e "The Water Project Visual Arts", Ontário, 1988. Realizou três exposições individuais, em 1982, 1986 e 1987, em São Paulo e Fortaleza. Reside em São Paulo.

Valentim, Rubem

Salvador, BA, 1922

Formado em Odontologia em 1946, a partir de 1948, participa do movimento de renovação das artes plásticas na Bahia. Integra a mostra "Novos Artistas Baianos" em 1950, recebendo cinco anos depois, o prêmio Universidade da Bahia do Salão Baiano de Belas Artes. Em 1957 transfere-se para o Rio de Janeiro, participando do Salão Nacional de Arte Moderna entre 1956 e 1962, neste último ano recebendo o prêmio de viagem ao exterior. De 1963 a 1966 reside em Roma, viajando por vários países europeus. Retorna ao Brasil, fixando residência no Distrito Federal, passando a ensinar no Instituto Central de Artes da Universidade Nacional de Brasília. Figura nas Bienais de São Paulo (dez vezes, entre 1955 e 1977), Veneza (1962), Bahia (sala especial em 1966), Nuremberg (arte construtiva, 1969), na Quadrienal de Roma (1977), no Festival Mundial de Artes Negras (Dakar, 1966 e Lagos/Nigéria, 1977), no Panorama de Arte Atual Brasileira do Museu de Arte Moderna de São Paulo (1969, 1975 e 1979), do X Salão de Campinas - Documento/Debate (1975) e nas mostras "Projeto Construtivo Brasileiro em Arte" (Pinacoteca de São Paulo e Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em 1977), "Visão da Terra" (1977) e "América Latina: Geometria Sensível" (1978), ambas no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, "Tradição e Ruptura" (Fundação Bienal de São Paulo, 1984), "Modernidade: Art Brésilien au XXe. Siècle" (Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris, 1987) e "A mão do negro" (Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1988). Realizou individuais em São Paulo, Roma, Brasília e Rio de Janeiro. Reside em Brasília.

Valentim, Rubem

"Não sendo mera diluição de modelos internacionais, a arte de Valentim é de resistência, opõe-se a tudo que não é nosso. Arte de estrutura, não é dependente de suportes: da pintura ao relevo, daí à escultura ou ao objeto, da parede ao chão, do um ao múltiplo, do protótipo à série, é sempre a mesma. Do macrocosmos da cidade (a escultura na praça) ao microcosmos da medalha, da obra pública ao colecionismo privado, o que prevalece, o que significa, é a estrutura".

Frederico Morais, 1979

Esmeraldo, Sêrvulo Cordeiro

Crato, CE, 1929

Inicialmente gravador, realiza sua primeira individual na Sociedade de Cultura Artística do Ceará em 1951 e participa do Salão dos Independentes, 1955 e do Salão de Abril, 1956 e 1957, em Fortaleza. Reside algum tempo em São Paulo, onde participa do Salão Paulista de Arte Moderna, em 1956 e 1957, neste ano recebendo medalha de bronze. Transferiu-se para Paris em 1959, onde realiza suas primeiras esculturas. Participa das Bienais de São Paulo (1959, 1961 e 1963), Milão, Cracóvia, Havana, Inglaterra, Menton (França), Firenzi (Itália), Porto Rico, Valparaiso, da Trienal de Grenchen, na Suíça (sempre como gravador), dos Salões de Maio e Realidades Novas, em Paris, do Panorama de Arte Atual Brasileira, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, das mostras "Arte de America y España", em Barcelona, "A idéia e a matéria", na Galeria Denise René, em Paris, "100 anos de Escultura no Brasil" (Museu de Arte de São Paulo), em 1982, "Projeto Rosso", no Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado, em 1986 e da sala especial "Em busca da essência - Elementos do reducionismo na arte brasileira" da Bienal de São Paulo, em 1987. Organizou, em Fortaleza, 1986, a "Mostra Internacional da Escultura Efêmera". Realizou cerca de 30 exposições individuais no Brasil e no exterior. Reside em Fortaleza.

Esmeraldo, Sérvulo Cordeiro

"Assim é que, em inícios de 80, vemos a linearidade imperar com leveza ímpar em suas composições quase bidimensionais, como maquetes magnificadas, placas dobradas, torções de planos, a superfície de aço vergada e de branco pintada, ou por vezes prescindindo de uma base, forma pura pousada sobre o piso, espaço livre, sempre o ângulo a conferir o caráter à peça, através da sombra projetada. Assim o vemos neste período, sem concessões, porém seco, rigor de concepção e execução, ao mesmo tempo que absorvendo a luz ambiente extravagante de Fortaleza sobre as superfícies de seus planos, e sobre elas obtendo as nuances dos grises mais luminosos".

Aracy Amaral, 1986

Machado, Ivens Olinto

"As formas insólitas moldadas por Ivens encerram uma curiosa conjunção de primitivismo (sugestão de monstros ou animais, forças exóticas, material e estrutura rudimentares, o artesanato despreocupado) com um discurso plástico eminentemente contemporâneo (os fundamentos do concretismo não revisitados para serem, inclusive desmistificados através de uma descontração formal) ao mesmo tempo que a atitude do artista concorre para libertar a escultura do papel restrito de objeto decorativo, monumento ou mera peça agregada a um conjunto arquitetônico".

Mário Margutti

Machado, Ivens Olinto

Florianópolis, SC, 1942

Estudou na Escolinha de Arte do Brasil, no Rio de Janeiro. Participou do Salão Nacional de Arte Moderna, em 1966 e 1973, do Salão de Verão, no Rio de Janeiro, em 1971 e 1973, da Bienal de São Paulo, em 1973 e 1981 e da mostra "Jovem Arte Contemporânea" (Museu de Arte Contemporânea da USP) em 1974. Realizou, entre 1975 e 1988, onze individuais no Rio de Janeiro, em São Paulo, no Canadá e em diversas cidades italianas. Figurou ainda na Bienal de Paris (1985) e nas mostras "Modernidade: Art Brésilien du XXe. Siècle", no Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris e "Brazilian Projects" (PS 1/Projects Studios One, Nova York) em 1988. Reside no Rio de Janeiro.

Nitsche, Marcelo

"Marcelo Nitsche tem exposto com freqüência no Rio de Janeiro e talvez seja o mais carioca dos paulistas. Ele tem este lado rigoroso do paulista, mas revela ao mesmo tempo uma ludicidade, que é a marca registrada do carioca. O seu currículo de animador cultural e o histórico de suas criações, confluem para o mesmo ponto, uma arte altamente envolvente, desintelectualizada, facilmente compreensível. Isto explica, igualmente, o caráter leve e aéreo de suas criações e mesmo sua opção por situá-la, com freqüência, em espaços públicos. Há um lado extremamente coerente no trabalho criador de Marcelo Nitsche - rigoroso como concepção, construtivo na forma e alegre ou lúdico em sua finalização".

Frederico Morais, 1986

Nitsche, Marcelo

São Paulo, SP, 1942

Arquiteto formado pela Universidade de São Paulo, conclui também o curso de formação de professores na Fundação Armando Álvares Penteado, em 1969. Participou como artista convidado de mostra do Grupo Rex, ao lado entre outros, de Wesley Duke Lee e Nelson Leirner. Com este último, realizou o Festival de Bandeiras apresentado em São Paulo e no Rio, em 1968. Participou das mostras "Nova Objetividade Brasileira" (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro) em 1967, "Arte e Pensamento Ecológico" São Paulo 1975, "Objeto na Arte Brasileira - Década de 60" (Fundação Armando Álvares Penteado) 1978, "Papéis & Cia." (Museu da Imagem e do Som, São Paulo) 1978, "Desenho como instrumento", 1979 e "Xerografias" 1980, ambas na Pinacoteca de São Paulo, "Arte Micro", no Paço das Artes e "Universo do Futebol", no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em 1982. Figurou nos salões de Campinas (1966, 1967, aquisição, 1968), de Brasília (1967, aquisição) e Belo Horizonte (1980, prêmio de pesquisa), no "Panorama de Arte Atual Brasileira" do Museu de Arte Moderna de São Paulo (1972, 1979, 1981 e 1988), e nas Bienais de São Paulo (1967, aquisição, 1969 e 1971), Paris (1969), Medellín (1972) e Cali (1973). Realizou mais de uma dezena de individuais em São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Porto Alegre, João Pessoa, Fortaleza e Washington. Integra o conjunto de esculturas da Praça da Sé, em São Paulo. Reside em São Paulo.

Leirner, Nelson

São Paulo, SP, 1932

Filho da escultora Felícia Leirner, estudou pintura com Juan Ponç (1956) e Samxon Flexor (1958). Participa do Salão Paulista de Arte Moderna (1958, medalha de bronze, 1959, 1961, aquisição, 1962 e 1963, medalha de prata), realizando sua primeira individual em 1960, na Galeria das Folhas. Até 1988 realizou cerca de 20 exposições individuais em São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires, (Museu de Arte Moderna), Austin (Museu de Arte da Universidade do Texas) e Washington (Instituto Brasileiro-Americano de Cultura). Foi um dos fundadores do Grupo Rex (jornal e galeria), em 1966, encerrado no ano seguinte com um "happening" ("Exposição-não-Exposição") e figurou nas mostras "Nova Objetividade Brasileira" (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 1967) e "O Artista Brasileiro e a Iconografia de Massa" (Escola Superior de Desenho Industrial, Rio de Janeiro, 1968), "Le Déjeuner sur l'art - Manet no Brasil" e "68 x 88 - No Balanço dos Anos", ambas realizadas em 1988 na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro. Participou ainda da Bienal de São Paulo (1963, 1965, 1967, prêmio Itamarati e 1969) e das mostras "Tradição e Ruptura" (1984) e "A trama do gosto" (1987), organizadas pela Fundação Bienal de São Paulo e "Modernidade - L'Art Brésilien du XXe. Siècle", no Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris. Recebeu o prêmio internacional Mainichi Shimbun da IX Bienal de Tóquio, em 1967. Criou múltiplos e troféus e é professor da Fundação Armando Álvares Penteado. Reside em São Paulo.

Leirner, Nelson

"Artista que nos anos 60 marcou sua contribuição com atitudes provocativas no contexto artístico brasileiro - como quando apresentou o "Porco empalhado" dentro de um engradado e atado a um presunto, evidentemente logo roubado pelo público, perante o júri do Salão de Brasília de 1967 - ou mesmo com o "Altar de Roberto Carlos", do mesmo período, concebendo um ambiente de adoração e recolhimento em que a imagem principal, mesclada à religiosidade popular, era do ídolo musical da juventude da época. Este artista foi igualmente autor de "happening" de inusitada violência, ao marcar dia e hora para oferecer ao público o que houvesse no interior da Galeria Rex, de São Paulo, que encerrava nesse dia suas atividades".

Aracy Amaral, 1987

Bernardelli, Enrica
Brescia, Itália, 1955

Até 1988, trabalhou em cinema e televisão. Estreou com "Infinitas", 35 mm, em 1979. Realizou mais cinco filmes em 16 mm. Em 1983 trabalhou como assistente da RAI/Rádio e Televisão Italiana. Participou em equipe, das mostras "Le Déjeuner sur l'art - Manet no Brasil", na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, e de "68 x 88 - No balanço dos anos", no Espaço Cultural Sérgio Porto, ambas em 1988. Reside no Rio de Janeiro.

Dacosta, Alexandre
Rio de Janeiro, RJ, 1959

Filho de Maria Leontina e Milton Dacosta, desenhou desde criança, embora sua primeira paixão tenha sido a música e depois, sucessivamente, o cinema (especialmente a fotografia) e o teatro, onde atuou como ator e músico. Só em 1979 começou a se interessar seriamente pela pintura. Passou a atuar, desde então, em dupla com Ricardo Basbaum (quatro pinturas-cartaz acompanhadas de manifesto, distribuídas pela cidade, entre 1980 a 1984, mostra no IBEU do Rio de Janeiro, em 1985) ou Iwald Granato ("Visual do Rock" no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em 1985) ou em grupo. Em 1983, formou o "Grupo Seis Mãos", com o qual realizou "improvisos para pintura e música" em galerias, faculdades e bares do Rio de Janeiro e no Centro Cultural de São Paulo, em 1985. Com o grupo "8 pés" fez intervenções em vernissages, em 1984. Participou individualmente do Salão Carioca (em 1983 e 1985), de "Pintura-Pintura (Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983), de "Arte na Rua" (out-door, São Paulo, 1983), de "Como vai você, geração 80?" (Escola de Artes Visuais do Parque Lage, 1984), de "Conexão Urbana" (Funarte, no Rio de Janeiro, e "Madame Satã", São Paulo), de "Arte Brasileira Atual" (Universidade Federal Fluminense, em 1985) e de uma coletiva sobre arte gráfica brasileira no México, em 1984. Realizou individuais no Rio e em São Paulo. Recebeu o "Prêmio IBEU 1985". Reside no Rio de Janeiro.

Salgado, Cristina
Rio de Janeiro, RJ, 1957

Formada em Genética pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1978, estudou pintura e desenho na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, tendo como professores Roberto Magalhães e Rubens Gerchman. Participou das coletivas "A nova geração" (Funarte, 1980), "Como vai você, geração 80?" e "Velha Mania", na Escola de Ar-

tes Visuais do Parque Lage, respectivamente em 1984 e 1985, de "68 x 88 - No balanço dos Anos" (Espaço Cultural Sérgio Porto) em 1988, e de "13 femmes de Rio", na "Maison d'Amérique Latine", em Paris. Figurou e foi premiada, em diversos salões brasileiros, entre 1981 e 1984. Realizou individuais no Rio e em São Paulo. Reside no Rio de Janeiro.

"A forma do lago me sugeriu um suporte móvel para um imenso painel traçado sobre a água, uma maneira de desenhar sobre o movimento".

Enrica Bernardelli

"Vi um cenário mágico com recortes de luz sobre o lago".

Cristina Salgado

"Numa vista aérea, nuvens aquáticas informam ritmos".

Alexandre Dacosta

Barata, Álvaro

Rio de Janeiro, RJ, 1953

Após estudar de 1968 a 1970, no Atelier Livre de Artes Plásticas, cursou a Faculdade de Arquitetura da Universidade Santa Úrsula, entre 1974 e 1977. No ano seguinte, expôs desenhos no Instituto Cultural Brasil-Alemanha e na Aliança Francesa. Entre 1977 e 1982 criou "brinquedos modulados" e em 1986 e 1987 realizou "brinquedos" para centros educacionais e centros comunitários. Como "designer" e assistente de direção de arte, integrou a equipe de criação da TV Globo, cujos trabalhos foram reunidos na mostra "Videografias" apresentada em Nova York, Paris e São Paulo, em 1984 e 1985. Reside no Rio de Janeiro.

Barata, Álvaro

"RÍGIDOS/MALEÁVEIS-A", é o primeiro de um conjunto de trabalhos, onde exploro as manifestações vibratórias mecânicas dos sistemas. Pensar em vibração é pensar em oscilação, em ciclo e frequência, em onda, em transferência e/ou transporte de energia, em dinâmica do espaço, em opostos que se atraem em "Yin" e "Yang", em rígido e maleável, em tempo, etc. No conjunto, o trabalho tem como objetivo ser instrumento de exploração e reflexão".

Álvaro Barata, 1988.

Moraes, Avatar

"Como escultor, Avatar Moraes segue uma linha pessoal, sem invadir ostensivamente o espaço, aproveitá-lo como o elemento positivo de um acoplamento com a forma, em que o material quase acaba por inexistir como na "minimal", e muito menos o ignora de maneira tradicional, onde as sólidas estruturas subsistem apesar do espaço. Suas esculturas o contornam, com harmonia e linearidade".

Sheila Leirner, 1977

Moraes, Avatar

Bagé, RG, 1933

Em 1963 inicia sua atividade como artista e durante três anos, participa de quarenta exposições coletivas, no Brasil e no exterior, realiza quatro exposições individuais, obtém doze prêmios e realiza vários murais públicos em Porto Alegre. Em 1967 afasta-se do circuito artístico. No ano seguinte, vai para Brasília onde permanece seis anos, lecionando na Universidade. Em 1974, tendo obtido a Bolsa Guggenheim, viaja para os Estados Unidos, onde paralelamente às atividades de ensino no "Center for Advanced Visual Studies", do "Massachusetts Institute of Technology", realiza pesquisas, vários desenhos para esculturas topográficas e participa de exposições. De volta ao Brasil, fixa-se no Rio de Janeiro, leciona na PUC e na Escola de Artes Visuais. Em 1977, expõe em várias coletivas no Brasil e no exterior e também individualmente. De 1978 a 1984, faz várias exposições, vence o concurso para o Monumento ao Corpo de Bombeiros em São Paulo, obtém bolsa no CNPq, para pesquisas de usos alternativos de tubos de PVC e ganha medalha de ouro no Concurso "Los Cipreses", realizado em Buenos Aires. Reside no Rio de Janeiro.

Tostes, Celeida

Rio de Janeiro, RJ, 1929

Cursou a Escola Nacional de Belas Artes e a Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro. Estudou ainda com Goeldi e fez gravação, cunhagem e heráldica. Como bolsista do governo norte-americano estudou nas Universidades de Southern California, Los Angeles, e New Mexico Highlands, Novo México. Foi também bolsista do Conselho Britânico na Cardiff School of Art, no País de Gales. Figurou no Salão Nacional de Arte Moderna (1959), no I Salão Paulista de Artes Plásticas e Visuais (1980), no Panorama de Arte Atual Brasileira do Museu de Arte Moderna de São Paulo (1985), na mostra "Le déjeuner sur l'art - Manet no Brasil", Escola de Artes Visuais do Parque Lage, em 1988. Participou de encontros de ceramistas contemporâneos da América Latina em Porto Rico (1986) e Nova York (1987). É professora da Escola de Artes Visuais do Parque Lage e da Escola de Belas Artes da UFRJ. Reside no Rio de Janeiro.

Tostes, Celeida

"A escultura de Celeida Tostes é um exercício permanente de energia e vida. O que corresponde a apontar, logo de início, para o eros que a anima. Eros no sentido mais amplo e verdadeiro da palavra, que abrange o enlace comunicante do feminino/masculino, mas perpassando largamente pelo tecido envolvente do social e do ecológico. É notável a liberdade de percepção e concepção no universo criador de Celeida, que nunca se deixa limitar por significados restritos ou pela voga das tendências. As obras que ela gera, são abertas, grávidas de muitos sentidos, além daqueles, inúmeros que atualiza".

Lélia Coelho Frota.

Chico Tabibuia (Francisco Moraes da Silva)

Silva Jardim, RJ, 1936

Com um ano de idade muda-se para Casimiro de Abreu, onde trabalha, como lenhador, desde os 18 anos. Nas matas da região abateu tanta tabibuia (árvore donde se extrai a madeira usada para fazer tamancos) que dela herdou seu apelido. Bisneto de escravo, analfabeto e autodidata, fez sua primeira escultura aos 10 anos de idade. Começou a esculpir regularmente há dez anos e suas peças já foram vistas no Museu de Arte Moderna de Brasília em 1987, no Museu de Arte de São Paulo, 1988, e na mostra "Brésil-Arts Populaires", no Grand Palais, em Paris, em 1987. Reside em Casimiro de Abreu.

Chico Tabibuia (Francisco Moraes da Silva)

"Em sua origem, o erotismo propiciador da vida, era religioso e a arte estava a serviço da magia, o que aflora nas peças de raízes arquetípicas de Tabibuia. Ele só esculpe após, em sonho, Deus ou exu a mostrarem-lhe o que deve representar. Daí a ritualidade e a força cósmica de sua escultura erótica, muito distinta da pornográfica. (Tabibuia) quando jovem teve o encargo de cambono (auxiliar de macumba) impregnando-se do poder do exu, entidade que rege a libido. Ao entrar há seis anos, para a Assembléia de Deus e restringir sua intensa atividade sexual à companheira com quem vive, teve que extravasar essa atividade na escultura. Ela constitui uma catarse imperativa para seu equilíbrio psíquico, sendo encarada misticamente. Chico Tabibuia, que nos faz remontar à expressiva arte erótica africana, é caso único na escultura brasileira".

Paulo Pardal, 1988

Bentes, Maurício

"Na produção de um artista jovem como Maurício Bentes, desde suas primeiras criações, como os tijolos amassados (MAM, 1982), torcidos, objetos ironicamente construtivistas, às construções rígidas e limpas em ferro, os seqüenciados perfis topográficos vazados por luz, aos mais recentes experimentos com areia e luz, como foi a área realizada para a exposição "Território ocupado", podemos dizer que o artista continuamente exercita com seu repertório, as possibilidades do "campo de expansão" assumido pelo que ainda hoje se quer chamar simplesmente de escultura".

Luciano Figueiredo; 1988

Bentes, Maurício

Rio de Janeiro, RJ, 1958

Realizou seus estudos de arte na Escola de Artes Visuais (Parque Lage) e na Oficina do Ingã (Niterói) sob a orientação de Celeida Tostes e Haroldo Barroso, respectivamente. Participou das mostras "Como vai você, geração 80?" (1984), "Rio Narciso" (1984), "Território Ocupado" (1968) e "Le déjeuner sur l'art - Manet no Brasil" (1988), todas na Escola de Artes Visuais; "Missões: 300 anos - A visão do Artista" (1987/1988), que circulou por várias capitais brasileiras, e do "Panorama de Arte Atual Brasileira" do Museu de Arte Moderna de São Paulo (1988). Figurou ainda no Salão Nacional de Artes Plásticas, recebendo em 1988, o prêmio de viagem ao exterior. Em 1987 recebeu, em Porto Alegre, prêmio de escultura comemorativo do 19º aniversário da Lei Sarney. Realizou exposições individuais no Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Curitiba e Porto Alegre. Reside no Rio de Janeiro.

Machado da Silva, Milton

Lado Alado, Planta e Ave, escultura concreta e escultura imaginária: acrílico e madeira; mesa e fonte luminosa; vídeo-tape: computador gráfico com inserções de cinema; aparelhos VCR e monitores.

Feras Empilhadas, Bestas Empalhadas, um comentário (documentário?) político sobre invasões selvagens num contexto de civilização e cultura; filme.

Escultura concreta, acrílico e madeira: multiplicação de gabaritos planos tridimensionalizando a planta-baixa do Parque. Desenho e escultura de uma escola de um parque, lado a lado. Deslocamento espacial de grande alcance: vôo.

Difusão: a escultura é divisível em múltiplos e em partes, mas segue-sempre-sendo planta: planta baixa, planta EAV, predominância do verde, transparências vegetais, escola de arte, segmentos visuais.

Escultura imaginária, computer graphics e VT. Deslocamento tempo-espacial de alcance ilimitado. Vôo informático. Multi-difusão, super-divulgação, ibope, via satélite: a Bienal em todas...

... GRITOS DE TARZAN!!! GRITOS DE TARZAN!!!

CRISE: feras empilhadas de ontem ameaçam tornar-se bestas empalhadas amanhã!!!

DISTANCIAMENTO: Brecht... ou espetáculo infanto-juvenil?

NOTA, sobre o imaginário em agosto: todo imaginário é projeto. Alguma escultura poderá ser real.

NOTA, sobre essa possibilidade em novembro: remota.

O vôo é livre, mas o poder-de-vôo tem seu lado não-alado, não-alado, não-imaginário. Ainda mais aqui onde muitos projetos são apenas riscos.

Milton Machado, 1988

Dalio, Osmar

"Eu sei que não há público para escultura, assim como é o caso da poesia e filmes experimentais. Há, entretanto um grande público para produtos que dão às pessoas o que elas querem e supostamente necessitam e que não se esforçam em dar a elas mais do que elas compreendem".

Richard Serra

Dalio, Osmar

São Paulo, SP, 1959

Estudou na Faculdade de Arquitetura da Fundação Armando Álvares Penteado, entre 1978 e 1981. Participou das coletivas "Foto-Idéia", (1981) e "Anathemata" (1984) ambas no Museu de Arte Contemporânea da USP, e "12 Artistas Jovens Paulistas" (1985), na Galeria Subdistrito. Figurou também no Salão Paulista de Arte Moderna (1986) e no Panorama de Arte Atual Brasileira do Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1988. Reside em São Paulo.

Domingues, Pedro Paulo

"O que faz com que algumas lâmpadas fluorescentes juntas sejam vistas como obra de arte? O modo pelo qual as lâmpadas foram agrupadas dá um significado óbvio ao objeto resultante. Ele existe como forma definida e é um estereótipo de cerca. Neste caso porém, a cerca, sendo ela de que material for, não teria desenvoltura suficiente para circular em meio a obras de arte, mesmo sendo feita de materiais tão frágeis quanto o vidro, a luz e a corrente elétrica, além de que essas três matérias, dada a sua fragilidade, não conferem ao objeto a função para a qual foi projetado - cercar. Talvez, então, ele seja reconhecido como obra de arte, justamente por existir como forma e inexistir como função, acrescido pelo fato de que existe uma imprecisão quanto à sua definição - são na realidade 24 lâmpadas".

Pedro Paulo Domingues, 1988

Domingues, Pedro Paulo

Rio de Janeiro, RJ, 1950

Arquiteto, participou do Salão Carioca (1986) e da mostra "Arquitetura da Casa II", no Pavilhão Victor Brecheret, no Parque da Catacumba. Frequenta a Oficina de Escultura do Ingã desde 1987. Reside no Rio de Janeiro.

Becker, Ricardo

"A sensação é instantânea. De repente se está ali, na incongruência do espaço, esbarrando-se na objetividade formal. Há uma certa religiosidade nessas duas estruturas básicas repousadas no terreno, arquitetura popular imediata, construção "stricto-sensu"... Da primeira vez que vi o projeto de Ricardo Becker, há um ano talvez, tive a sensação imediata da presença. O pós-heroísmo amargo e vertente colocava de lado a passividade. Aquele "repertório", songbook, se expressava rigidamente, pesado, como se Schoenberg houvesse composto um tango. O historicismo angustiado naquele paralelo não admite indiferença. Joga-se, então, com o dilema: imposição e abstenção convivem regularmente".

Wil Nunes, 1988

Becker, Ricardo

Rio de Janeiro, RJ, 1961

Estudou pintura com Maria Thereza Vieira, em 1983, e desenho com Manuel Fernandez, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em 1984. Participou da coletiva "Arte no Espaço" (Planetário da Gávea, Rio de Janeiro), em 1984 e figurou no Salão de Arte Contemporânea de Pernambuco (1984) e no Salão Carioca (1985 e 1986). Reside no Rio de Janeiro.

Ohtake, Tomie

"Se a pintura de Tomie Ohtake anuncia volumes e ritmos no espaço, há muito pouco tempo, ela decidiu aventurar-se na terceira dimensão. Alguns anos atrás experimentou trabalhar com painéis que se prolongavam da parede ao chão. Mais tarde usou volumes, onde lâminas metálicas refletiam superfícies pintadas em cores vivas. Depois, ainda projetou uma escultura com jatos d'água - como uma fonte - que não chegou a ser executada. Finalmente, ao resolver um problema muito objetivo - como transformar uma velha piscina num objeto de arte - ... obteve um resultado surpreendente que agora lhe oferece outras alternativas para a sua obra".

Casimiro Xavier de Mendonça, 1983

Ohtake, Tomie

Quioto, Japão, 1913

Chega ao Brasil em 1936, fixando residência em São Paulo. No princípio da década de 50, começa a pintar sob orientação de Kenya Sugano. Participa dos salões do Grupo Seibi e realiza sua primeira individual em 1957, no Museu de Arte de São Paulo. Participa do Salão Nacional de Arte Moderna em 1957, 1960 e 1962, do Salão de Arte Moderna de Brasília, em 1965 (no qual recebe o prêmio nacional de pintura), do X Salão de Campinas Documento/Debate em 1975, do Panorama de Arte Atual Brasileira do Museu de Arte Moderna de São Paulo (1970, 1973 e 1979, prêmio de pintura), figurando ainda nas Bienais de São Paulo (1961, 1967 e 1975), de Córdoba, Argentina (1964), Bahia (1966), Medellín, Colômbia (1968 e 1981), Venezuela (1972) Uruguai (1975), Havana (1984 e 1986 - sala especial), e das mostras "Tradição e Ruptura" (Fundação Bienal de São Paulo) em 1984 e "Modernidade: Art Brésilien du XXe. Siècle", no Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris, em 1987. Realizou individuais em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Washington, Nova York, Porto Rico, Roma, Milão e Tóquio. É autora do monumento comemorativo dos 80 anos da imigração japonesa para o Brasil, em São Paulo e de uma escultura implantada na Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro. Sua obra foi analisada em livro de Casimiro Xavier de Mendonça (1983). Reside em São Paulo.

Soares, Waleska

Belo Horizonte, MG, 1957

Formada em Arquitetura pela Faculdade de Ar
quitetura e Urbanismo da Universidade Santa Úrsula atua, desde
então, nas áreas de Arquitetura, Artes Plásticas e Design. Resi
de no Rio de Janeiro.

Soares, Waleska

"O INÍCIO

Formei o puzzle num passeio na lagoa. Descobri que era uma opção dentre "n" outras.

Conjunção Arquitetônica

O tonel impenetrável concentra meus sonhos.

Torre: a escalada,
a esca da.

A luz giratória. A cabeça gira. No alto.

Ferrugem contemporânea.

Crueldade romântica.

Não consigo mais descer.

SEGUNDOS DEPOIS

Trocamos nossos casacos e saímos para uma volta na cidade, sem prestar muita atenção.

Citação: Apenas o meu olho esconde (Andy Warhol, 75)"

João Modê, 1988

Toyota, Yutaka

Yamagata, Japão, 1931

Entre 1950 e 1954 estuda na Universidade de Tóquio, trabalhando em seguida até 1957, no Instituto de Pesquisas Industriais de Shuzuoca, no Japão. Reside em São Paulo entre 1958 e 1960, muda-se para Argentina e retorna ao Brasil, de onde segue para Milão, Itália, ali permanecendo de 1965 a 1968. Finalmente fixa residência definitiva em São Paulo, naturalizando-se brasileiro. Recebe prêmios no Salão Paulista de Arte Moderna (medalha de ouro, 1963), no Salão Esso (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 1966), na Bienal da Bahia (Salvador, 1968) e no Panorama de Arte Brasileira do Museu de Arte Moderna de São Paulo (1972). Participa das Bienais de São Paulo (de 1963 a 1969), Cali na Colômbia (1972), de Antuérpia, na Bélgica (1971), do Salão Independente, no México (1970) e de coletivas de arte brasileira e internacional no Japão, Canadá e Estados Unidos. Participou ainda da mostra "100 anos de Escultura no Brasil" (Museu de Arte de São Paulo, 1982), tendo realizado individuais em São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires e Medellin. Reside em São Paulo.

Toyota, Yutaka

"O que me agrada na escultura de Toyota é a simplicidade natural e não premeditada. A idéia de utilizar o aço e a cor com seus reflexos imprevisíveis. São objetos que se adaptam a qualquer ambiente e, numa escala maior, à própria arquitetura. Parece que a pureza do aço o atraiu e desse material talvez decorram as formas diferentes, construtivas ou geométricas, que imagina. Vejo-as, às vezes, numa escala maior como grandes sinais metálicos, cheios de brilho e de luz e as sinto tão belas, que as gostaria de ver incorporadas à nossa arquitetura".

Oscar Niemeyer, 1981

Machado, José Carlos (Zé Bico)

"De certo modo, o trabalho de J.C. Machado, é uma metáfora perfeita da situação da arte contemporânea: algo que gira em torno de si mesmo, mas de uma maneira excêntrica, à volta de um eixo que nunca se realiza, mas que busca concretizar-se como baliza de um movimento voraz... À primeira vista, pode-se falar que os trabalhos operam uma redução formal de certos problemas da reedição construtiva, aproximando-se de uma abordagem quase minimal...".

Rodrigo Naves, 1983

Machado, José Carlos (Zé Bico)

São Paulo, SP, 1950

Formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP em 1977, frequentou o curso livre de desenho da Pinacoteca de São Paulo, em 1982. É publicitário. Em 1986 participou da "I Exposição Internacional de Escultura Efêmera", Fortaleza, do Salão Paulista de Arte Contemporânea, de "Em busca da essência - Elementos de redução na arte brasileira" (sala especial da Bienal de São Paulo) e da mostra inaugural do Museu de Tecnologia, em São Paulo. Expôs, individualmente, na Galeria Macunaíma da Funarte, no Rio de Janeiro. Reside em São Paulo.

Farias, Espinosa, Patrício

"Seus trabalhos atuais onde desaparece a presença (antes óbvia) das figuras, são a figuração de vestígios das mesmas, mais vigorosos porque sugestivos, abertos a várias interpretações, criando um clima de ausência, de nostalgia ou mesmo de tragédia irremediável, pois o fato já não está ocorrendo, mas definitivamente consumado. O carro com três rodas de granito - carro que anda, pelo peso, pela estrutura, pela matéria, é o anti-utilitário consumado. Será metáfora dos desvios de civilização, uma crítica à cultura ou, restringindo-se a um campo de abrangência menor, à própria arte? Essa riqueza de interpretações está presente no atual trabalho de Patrício Farias que põe um absoluto domínio técnico dos materiais, a serviço de um discurso que toca os mais profundos meandros da sensibilidade do espectador, falando sobre problemas universais".

Vera Chaves

Farias Espinosa, Patrício

Arica, Chile, 1940

Freqüentou cursos de desenho na Escola de Belas Artes do Chile entre 1964 e 1968, licenciando-se em artes plásticas em 1972. No ano seguinte transfere-se para Porto Alegre, onde passa a ensinar no Ateliê da Prefeitura Municipal. Em Santiago, Chile, figurou em diversas coletivas, entre as quais "Homenagem a Ho-Chi-Mim", 1968, "As 40 medidas", 1977, ambas no Museu de Arte Contemporânea, e na "Bienal de Valparaíso". Em Porto Alegre, tem participado de coletivas e individuais. Figurou na mostra "Prêmio Internacional de Desenho Joan Miró" (Barcelona, 1984). Realizou individuais em Santiago, Chile, Porto Alegre, São Paulo, Barcelona e Tarragona. Reside em Porto Alegre e Barcelona.

Pastore, Márcia Holtman

São Paulo, SP, 1964

Formada pela Faculdade de Artes Plásticas da Universidade Mackenzie, cursou desenho com Carlos Fajardo e Nuno Ramos (1986 a 1988), escultura com Eliana Zaroni (1987 a 1988) e pintura com Raquel de Almeida Magalhães. Participou em 1988, do Terceiro ContempoArte, Paço das Artes, São Paulo e do VI Salão Paulista de Arte Contemporânea. Reside em São Paulo.

Pastore, Márcia Holtman

"O principal aspecto do trabalho, é a relação de oposição e complementaridade entre o ferro e a borracha: peso e flexibilidade. O ferro impõe à borracha uma deformação, que é o aumento de suas ondulações naturais. Da aproximação destes materiais, decorrem relações de superfície: dois pretos diferentes na absorção da luz, a rugosidade de um e o aspecto liso do outro. A leitura que a obra produz é de continuidade, como se ela fosse um fragmento de si própria, uma parte de um todo não construído, mas sugerido pelos elementos repetidos".

Márcia Pastore, 1988'

Paes, Paulo

"A atração de Paulo Paes pelo que é intrinsecamente flexível - e portanto, também intrinsecamente variável - deve ter fortalecido muito sua inclinação por uma arte abstrata, ou seja, uma arte sem compromissos rígidos com os habitantes orgânicos e inorgânicos de nosso ambiente. Mas a invenção atual de Paulo Paes se unifica e define, ainda em torno de um elemento lúdico - que talvez se possa dizer também alado, a respeito de sua recusa à representação inaludível. A quem as perscruta com acuidade e simpatia, algumas das composições de Paulo Paes sussuram pipas, candelabros e até mesmo naves e sondas espaciais - através dos véus, às vezes materiais e tenuemente coloridos, de sua poética abstração.

Alair Gomes

Paes, Paulo

Belém, PA, 1960

No Rio, desde 1977, fez suas primeiras coletivas (Litografias e Desenho) em 1978 na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Em 1981, participa do IV Salão Nacional de Artes Plásticas, MAM, Rio. Em 1982, 1983, 1985, três individuais, algumas coletivas, incluindo "Artes no Parque" (1983), no Parque Lage e participação no VIII Salão Nacional de Artes Plásticas. Em 1986, participa da "Bienal de Cáli", em Cáli, na Colômbia e em 1987, da coletiva "O Rosto e a Obra". Reside no Rio de Janeiro.

Cozzolino, Ciro

São Paulo, SP, 1959

Após concorrer em 1977, ao Festival de Cinema de Gramado com um filme de animação experimental, inicia sua carreira como artista plástico, participando dos salões de arte de Taubaté, Santo André, São Bernardo e Curitiba, o primeiro em 1979, os demais em 1980. Participa ainda da mostra "Desenho Jovem" (Museu de Arte Contemporânea da USP) e do "Panorama da Arte Atual Brasileira", no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1980. Transfere-se para Paris e participa de coletivas no Espace Latino-Americain e na Galeria Debret, 1983. Integra a mostra "Pintura como meio", no Museu de Arte Contemporânea da USP, 1983. Com a Galeria Thomas Cohn, do Rio de Janeiro, figurou na Feira Internacional de Arte Contemporânea de Madrid, ARCO, em 1984. Integra a mostra "Como vai você, geração 80?". (Escola de Artes Visuais do Parque Lage), 1984. Individual na Galeria Subdistrito, São Paulo, 1987. e coletiva na mesma galeria em 1988. Reside em São Paulo e Paris.

Cozzolino, Ciro

"Pausa para escrever, enquanto seca o vermelho da tela esticada no chão da cozinha. A rádio já anunciou o último rock da noite. Decididamente minha forma de expressão não é a palavra: é a imagem e o conceito da imagem. Levanto a tela do chão e deixo algumas poças de tinta escorrerem, um pouco mais, agora sim. É fascinante essa relação tinta-superfície. O preto delimitando tudo, "trop vite". Pincéis-panos-coca-cola-bisnagas, coisas do metiê. O verão parisiense esquentou, então cortei as pernas da calça preta e se transformou num short. Das sobras, com um corte aqui, ali, um morcego em Gotham City. Relacionar, transistorizar, transformar. O chão eu limpo amanhã. Boa noite".

Ciro Cozzolino, Paris, 17.6.1983, 23:40 hs.

Niculitcheff, Sérgio

São Paulo, 1960

Cursou o Instituto de Artes e Decorações, de 1975 a 1977, licenciando-se em 1980, em educação artística, pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo. Viajou em seguida para a Europa, com estágios em Madrid e Paris. De volta ao Brasil, frequentou o ateliê de gravura da Escola de Comunicação e Artes da USP, sob orientação de Evandro Carlos Jardim. Participou dos salões de arte de Santos (1977 e 1980), Santo André (1978), São Caetano do Sul (1979), Montes Claros (1980), do Salão Paulista de Arte Contemporânea (1986) e da Mostra de Desenho Brasileiro, em Curitiba (1981), em todos eles premiado com aquisições. Participou ainda do Salão Nacional de Artes Plásticas (prêmio de viagem ao país) em 1985, e do Salão Nacional de Arte, de Belo Horizonte em 1987, no qual recebeu o terceiro prêmio. Figurou no "Panorama de Arte Atual Brasileira" do Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1980 e nas mostras "Pintura como meio" (Museu de Arte Contemporânea da USP), 1983, "Como vai você, geração 80?" (Escola de Artes Visuais do Parque Lage) 1984, "Brasil Desenho" (Palácio das Artes, Belo Horizonte) 1985, "Velha Mania" (Escola de Artes Visuais do Parque Lage) 1985, "4 artistes brésiliens à l'Esp^ace", no Espaço Latino-Americano em Paris, 1982, e da Bienal Latino-Americana de Arte Sobre Papel (Buenos Aires), 1986. Participou também de "Workshop Berlin in São Paulo", no Museu de Arte Contemporânea da USP e na "Staatliche Kunsthalle" de Berlim, em 1988. Realizou individuais em São Paulo, Curitiba. Reside em São Paulo.

Niculitcheff, Sérgio

"Tendo trabalhado profissionalmente vários anos em suportes bidimensionais, senti necessidade de experimentar manipulações com formas tridimensionais. A meu ver uma decorrência natural percebida nos últimos trabalhos de pintura, que representam objetos tridimensionais e formas volumétricas, mantidos nos limites da pintura. Como decorrência disso, venho realizando algumas esculturas, a fim de buscar um elo entre a apresentação pictórica de formas que desenvolvi durante meu trabalho como pintor e o objeto independente no espaço. Uma tentativa de resgatar a escultura como uma técnica de muitos recursos e pouco explorada, se comparada com as técnicas da pintura, atualmente. Essa tentativa tem em vista a importância da procura de novos materiais, que criem possibilidades para novas formas de expressão. E vê um caminho na introdução da experiência do universo pictórico no da escultura, a ser ainda explorado por mim."

Sérgio Niculitcheff, de 1988.

Grinspum, Ester

Recife, PE, 1955

Transfere-se para São Paulo, onde se formou pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Participa do Salão Nacional de Artes Plásticas, (de 1981 a 1985, tendo ganho em 1981, prêmio de aquisição), do Salão Paulista de Arte Contemporânea (1984, prêmio de aquisição, e 1985), do Salão Nacional de Arte, de Belo Horizonte (1982, prêmio de aquisição, e 1984, Prêmio Museu de Arte de Belo Horizonte) e da "Mostra do Desenho Brasileiro" (Curitiba, 1983). Figurou nas mostras "Como vai você, geração 80?" (1984), "Velha Mania" (1985), "Le déjeuner sur l'art - Manet no Brasil" (1988), realizadas na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, "Brasil/Desenho" (Palácio das Artes, Belo Horizonte, 1984), "Caminhos do Desenho Brasileiro" (Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1986) e "Missões: 300 anos — A visão do Artista" (1987/1988), que circulou por diversas capitais. No exterior, participou da Bienal de Havana, em 1985 e 1987, mostra organizada pelo Centro Wilfredo Lam, de Cuba, levada à Síria, Tunísia, Argélia e Índia (1986), de uma coletiva reunindo trabalhos sobre papel de artistas brasileiros, nos Estados Unidos (1986/1987) e da X Exposição Internacional de Desenhos Originais, de Rijeka, na Iugoslávia (1986). Realizou individuais em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte e Vitória. Reside em São Paulo.

Grinspum, Ester

"Se no tempo esta escultura é espaço contigente, o percurso em torno dela não desvela seu conteúdo.

Se no tempo a escultura é espaço continente, seu conteúdo é o espaço-tempo.

Se a matéria é tempo e sítio, onde o lugar da ação?

Se o gesto não está na vontade anterior da forma, um vaso é um vaso é um vaso.

Se existe um cone que se chama prisma de luz do futuro e um outro que se chama prisma de luz do passado unidos num ponto que é o evento (o presente), como fazer este encontro com a representação?

Onde a história?".

Ester Grinspum, 1988

Gonzaga (Luiz Gonzaga Mello Gomes)

"No Brasil, a julgar pelo que está exposto na mostra "Panorama da Arte Atual Brasileira - Formas Tridimensionais", no MAM de São Paulo, ainda não há sinais de que essa nova escultura fez escola... Um ponto de destaque obrigatório da mostra é o trabalho de Gonzaga... Ele faz silhuetas humanas, freqüentemente agrupadas como uma família de efeito teatral, pintadas em cores violentas e simplificadas com uma atmosfera surrealista. De certa forma, é ele quem está mais próximo da linguagem mais moderna da escultura européia que age sobre o público como um comentário irônico ou poético de elementos da realidade".

Casimiro Xavier de Mendonça, 1985

Gonzaga (Luiz Gonzaga Mello Gomes)

Júlio de Castilhos, RS, 1940

Graduou-se em escultura pelo Instituto de Artes da UFRGS, em 1966, onde hoje é professor. Em 1980 estudou pintura mural, na "Escuela de Bellas Artes San Fernando", em Madrid. Participou da Bienal Ibero-Americana do México e do "Panorama de Arte Atual Brasileira" do Museu de Arte Moderna de São Paulo, ambas em 1986. Realizou individuais em Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo. Reside em Porto Alegre.

Garcia, Irineu

"O público anônimo das metrópoles é muito sedento de marcas visuais. Se uma escultura for forte, mantém uma relação entre o homem e o espaço urbano, ela pode envolvê-lo. É preciso também pensar em uma estrutura que se mantenha em relação com o entorno, outros edifícios, vegetação, veículos, etc. Realmente é um desafio, pois ela pode facilmente ser engolida por este entorno..."

Irineu Garcia, 1987

Garcia, Irineu

São Luiz Gonzaga, RS, 1946

Formou-se em arquitetura pela Escola de Belas Artes de Montevideu, em 1981. Ainda na capital uruguaia estudou com Américo Sposito, em 1975. Participou do "Panorama de Arte Atual Brasileira" do Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1981 e das mostras "100 anos de escultura no Brasil" (Museu de Arte de São Paulo), em 1982, "Homenagem a Bruno Giorgi" (Museu de Arte do Rio Grande do Sul) em 1986, e da II Bienal de Havana. Realizou individuais no Brasil e na Argentina. Reside em Porto Alegre.

Reginato, Marcelo

"Jovem cerebral, leitor e admirador dos textos de Ad Reinhardt e Rothko, consciente de sua juventude (encontra-se na Europa para estudos), Marcelo Reginato está à procura de seu caminho, trabalhando as essências das pinturas, suas qualidades espaciais e formais e preocupando-se com questões como presença, monumentalidade, superfície, cor e textura... Marcelo representa um início de carreira atípico na sua seriedade e disciplina, na sua obra sem mensagem, que planeja detalhadamente antes de executar".

Gabriela S. Wilder, 1987.

Reginato, Marcelo

São Paulo, SP, 1963

Cursou a Faculdade de Artes Plásticas da Fundação Armando Álvares Penteado, entre 1984 e 1986, prosseguindo seus estudos em Milão, na Itália. Participou do Salão Paulista de Arte Contemporânea 1984, do "Prêmio Pirelli de Pintura Jovem" (Museu de Arte de São Paulo) 1985, da Bienal Latino-americana de arte sobre papel", Buenos Aires, 1986, e da mostra "Em busca da essência — Elementos de redução na arte brasileira" (Fundação Bienal de São Paulo), 1987. Realizou individual em São Paulo, 1987. Reside em São Paulo.

Ceschiatti, Alfredo

Belo Horizonte, MG, 1918

Após retornar da Itália onde esteve dois anos, entra para a Escola Nacional de Belas Artes, integrando o grupo renovador denominado "Os dissidentes", que realizou mostras em 1942 e 1943, na Associação Brasileira de Imprensa. Na divisão moderna do Salão Nacional de Belas Artes recebe medalhas de bronze em 1943, de prata em 1944, e o prêmio de viagem ao exterior em 1945, sempre como escultor, e a medalha de prata, também em 1945, como desenhista. Viaja à Europa em 1946 e na volta, em 1948, realiza sua primeira individual no Instituto dos Arquitetos do Brasil, no Rio de Janeiro. Colaborou com Oscar Niemeyer na decoração da Igreja da Pampulha e, desde então, tem contribuído com esculturas para inúmeros projetos do arquiteto, especialmente em Brasília. Figurou na Bienal de São Paulo, em 1953, integrou a Comissão Nacional de Belas Artes no biênio 1960/1961 e ensinou na Universidade Nacional de Brasília, entre 1963 e 1965. Reside no Rio de Janeiro.

Ceschiatti, Alfredo

"Assim como Ceschiatti molda, recria e descobre o nú em suas múltiplas possibilidades, da mesma forma ele consegue tirar o máximo proveito das vestes como elemento altamente ilustrativo, envolvendo grande parte de suas figuras com estes mantos nada diáfanos da realidade escultórica e dramática. Ceschiatti é, antes de tudo, um desenhista da escultura. Seus trabalhos nascem e se desenvolvem por meio de um traçado sensível às vezes picassiano, que faz com que adquiram leveza, harmonia e sobretudo uma limpidez na formalização plástica de seus temas".

Sheila Leirner, 1976

Stockinger, Francisco Alexandre

"Passaram a coexistir em Stockinger, o figurativo de matriz expressionista e o abstrato informal, lírico. O escultor ultrapassou o tema tradicional da figura humana e, paradoxalmente, vai recuperar os ideais gregos da harmonia e da serenidade, com a linguagem contemporânea da abstração. Agora, o volume - e o movimento principal dele - não se projeta em lança, não se crispa em dor, nem se concentra para o ataque, simplesmente está ali, existe. A idéia de potência, reação e ataque, é trocada pela idéia de existência... Quando cria na pedra, Stockinger quer os valores da forma, a arte como objeto em si. Ele substitui o comentário do real pela realidade essencial, o sistema representacional pela organização do espaço em volumes e ritmos, massa e traço".

Angélica de Moraes

Stockinger, Francisco Alexandre

Traun, Áustria, 1919

Emigra com a família para o Brasil, em 1921, residindo inicialmente no interior de São Paulo. Em 1937 transfere-se para o Rio de Janeiro onde fez curso de vôo por instrumentos, mas como era estrangeiro e em tempo de guerra não podia pilotar, diplomou-se em meteorologia. Em 1946, frequenta o Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro e, tendo optado pela escultura, frequenta o ateliê de Bruno Giorgi, entre 1946 e 1950. Na divisão moderna do Salão Nacional de Belas Artes recebe medalha de bronze em 1948, e de prata em 1949, enquanto a medalha de ouro lhe chega às mãos em 1954, no Salão Nacional de Arte Moderna. Transfere-se nesse ano para Porto Alegre, onde faz xilogravura, e atua como diagramador e caricaturista em jornais locais. Naturaliza-se brasileiro em 1956, realiza sua primeira individual na Biblioteca Pública de Salvador, Bahia, em 1969, é premiado em salões de Porto Alegre, e Belo Horizonte, Curitiba e São Paulo, sempre como escultor. Ainda em Porto Alegre, fundou e foi o primeiro diretor do Ateliê Livre da Prefeitura Municipal (1961), dirigiu o Museu de Arte do Rio Grande do Sul e a Divisão de Artes da Secretaria de Educação e Cultura do Estado. Figurou nas Bienais de São Paulo (1961 a 1965), de Carrara (1962) da Bahia (Sala especial) em 1966, e Budapeste (1975), no Salão Comparaison, Paris, em 1965 e do Panorama de Arte Atual Brasileira do Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1985. Tem esculturas na Praça da Sé, em São Paulo, e no Parque da Catacumba, no Rio de Janeiro. Realizou ainda uma dezena de exposições em São Paulo, Porto Alegre, Curitiba e Roma. Sua obra foi analisada em livro editado pela Cia. Iochpe, em 1987. Reside em Porto Alegre.

Brecheret, Victor

"Victor Brecheret desenvolveu uma vasta produção artística, cerca de 300 peças escultóricas, que se estendeu por quase quatro décadas, inserida no contexto da Escola de Paris, nos anos 20 e 30, e depois de 1936 até 1955 em nosso ambiente cultural. Coube a Brecheret, no momento decisivo da primeira vaga do Modernismo Brasileiro, o papel histórico de inovador e introdutor do caráter contemporâneo da escultura em nosso meio. Entretanto, essa contemporaneidade já se encontrava defasada ante os sucessos das vanguardas européias. Após o curto período de ação renovadora junto aos modernistas de São Paulo, Brecheret em Paris, fez passar sua escultura por uma limpeza e simplificação de formas não indiferente à essencialidade formal brancusiana e nem ao cubismo 'adoçado' da art déco. Por volta de 1925, Brecheret era considerado um escultor de vanguarda, alvo de comentários favoráveis de críticos como André Warnod e Maurice Raynal, e de artistas como Picasso e Bourdelle".

, Daysi Peccinini, 1985

Brecheret, Victor

Viterbo, Itália, 1894 - São Paulo, SP, 1955

Inicia seus estudos de arte no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo em 1912, viajando no ano seguinte para Roma, onde estuda com o escultor Dazzi. Três anos depois recebe o 1º prêmio de escultura, em mostra coletiva realizada no Instituto de Belas Artes de Roma. De volta ao Brasil, expõe na Casa Byngton São Paulo, 1920, a maquete de seu Monumento às Bandeiras, cuja construção só seria iniciada em 1936 e inaugurada dezessete anos depois. É um dos participantes da Semana de Arte Moderna que se realizou em 1922, no Teatro Municipal de São Paulo. Figura no Salão de Outono (1921) e no Salão de Maio (1923, premiado, 1924, 1925, menção honrosa e 1926), no Salão de Maio (de 1937 a 1939) em São Paulo, e nas Bienais de São Paulo (1951, prêmio nacional de escultura, 1955, 1957, sala especial e 1979) e Veneza (1950 e 1952). Sua obra Grupo foi adquirida, em 1934, pelo Museu Jeu de Paumè, de Paris. Realizou individuais em São Paulo (1925 e 1948), e após sua morte, teve sua obra analisada em exposições organizadas pelo Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado, em 1969, Museu Lasar Segall, em 1976, Paço das Artes, 1980 e Galeria Milan, 1986.

Segall, Lasar

Vilna, Lituânia, 1891 - São Paulo, SP, 1957

Com 15 anos, transfere-se sozinho para Berlim, onde cursa a Academia Imperial de Belas Artes, tendo como professores Max Liebermann e Lowis Corinth. Em 1910, muda-se para Dresden, freqüentando a Academia de Belas Artes como aluno-mestre, realizando nessa cidade, na Galeria Gurlitt, sua primeira individual. Vem ao Brasil em 1913, realizando em Campinas e em São Paulo, as primeiras exposições de arte moderna em nosso país. Confinado durante a I Guerra Mundial, retorna a Vilna em 1917. Dois anos depois está de volta a Berlim, onde permanecerá até 1923, fundando ali, com Otto Dix e outros expressionistas, a Dresdner Sezession ou Grupo 1919. Transfere-se definitivamente para o Brasil, em 1923, fixando-se em São Paulo. Residindo em Paris, entre 1929 e 1931, realiza aí suas primeiras esculturas, e expõe individualmente na Galeria Vignon. Retornando a São Paulo, funda em 1932, a Sociedade Paulista de Arte Moderna/SPAM e participa do Salão de Maio, entre 1937 e 1939. Realiza em 1943, no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio, exposição que teve grande repercussão. Convidado de honra da I Bienal de São Paulo (1951) realiza nesse ano, no Museu de Arte de São Paulo, mostra retrospectiva. Obras suas foram incluídas na mostra de arte degenerada mandada realizar por Hitler, em 1937, em Munique, e também na "Exposição de Arte Condenada pelo III Reich", na Galeria Askanazy, no Rio, em 1945. Um ano antes, participa da mostra de arte brasileira, realizada em Londres, a favor da Royal Air Force, da Inglaterra. Mereceu sala especial na Bienal de Veneza, em 1958 e figurou, ainda, das mostras "Tradição e Ruptura" (Fundação Bienal de São Paulo, 1984) e "Modernidade - Art Brésilien du XX^e Siècle", no Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris (1987). O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro realizou, em 1967, a maior retrospectiva de sua obra. Dirigido por seu filho, Maurício Segall, foi fundado em São Paulo, em 1970, o Museu Lasar Segall.

Segall, Lasar

"Se Lasar Segall em sua pintura, alia a um profundo realismo a mais sensível percepção poética, em sua escultura as mesmas qualidades se observam. Entretanto, a própria matéria obriga o artista a um esforço de construção que se coroa sempre de êxito e dá à sua obra uma solidez raramente encontrada nos pintores que se dedicam também à escultura. O que é admirável em Lasar Segall, é essa fidelidade a si próprio jamais desmentida. No desenho, como na pintura ou na escultura, qualquer que seja a matéria trabalhada, sempre se apresenta em toda a sua riqueza emotiva e plástica, o poeta. É ainda curioso notar como o grande artista consegue emprestar ao granito duro e frio, essa marca sensível e sensual que lhe caracteriza a personalidade toda. Tudo na escultura de Lasar Segall põe à mostra um espírito capaz de largas sínteses, amoroso dos planos e volumes ajustados, o que constitui o seu lado plástico e eminentemente sensual".

Sérgio Milliet, 1957

Giorgi, Bruno

"Os pés e pernas, mesmo as mãos dos nus atuais de Bruno Giorgi se engrossam e atingem simplificações mudas e quase duras. Há um sopro quente, pesado, de materialidade e mesmo de materialismo, nisso. Aí a forma nasce. Não que ela nasça de fora para dentro, o que seria uma inversão estúpida das exigências da forma. Bruno Giorgi é incapaz disso. Mas ele nos dá a sensação de que suas formas, se não nascem da terra, nascem de uma estrita vinculação com a terra. Brotam num impulso material, térreas a princípio, com a rigidez de um vulto de rojão, para desabrocharem no alto, numa lucilação de volumes e luzes delicadas".

Mário de Andrade, 1945.

Giorgi, Bruno

Mococa, São Paulo, 1905

Viaja com a família em 1911, para a Itália, fixando-se em Roma, onde inicia seus estudos de escultura em 1920. Muda-se para Paris, onde prossegue seus estudos e participa entre 1936 e 1939, dos salões de Outono e das Tulherias. Preso e condenado por sua participação na Resistência ao Fascismo, é libertado por ser brasileiro sendo expulso do país. Retorna ao Brasil, mora durante algum tempo em São Paulo, participa do III Salão da Família Artística Paulista em 1940, fixando residência no Rio de Janeiro a partir de 1944. Executa para o então Ministério da Educação e Saúde sua primeira obra pública, o Monumento à Juventude, concluída em 1946. Sua primeira individual foi realizada em 1948 na Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Realizou outras individuais no Rio de Janeiro, São Paulo (retrospectiva do Museu de Arte Moderna em 1950), Buenos Aires (Museu de Belas Artes) e Roma. Figurou nas Bienais de São Paulo (1951, 1953, prêmio de melhor escultor brasileiro, de 1957 e 1967 - sala especial), de Veneza (1950 e 1952) e Carrara e das mostras "Tradição e Ruptura" (Fundação Bienal de São Paulo), 1984 e "Modernidade: Art Brésilien du XXe. Siècle", no Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris, em 1987. Reside no Rio de Janeiro.

Pedrosa, José Alves

"Para que o calmo conteúdo poético da sua arte não fosse perturbado, era necessário que a forma na sua escultura fosse insensível aos grandes contrastes de luz e de sombra, às passagens chocantes entre o claro e o escuro, aos perfis torturados. Bastava-lhe ter por base o ritmo luminoso que a luz produz, ao percorrer sem sobressaltos as superfícies. Bastava-lhe uma harmonia pura na composição e a pureza sem grandes arabescos dos perfis para, tão só com isso, estabelecer justas relações de forma e conteúdo e fugir do sensualismo e do pieguismo, sem eliminar o sensível e a afinidade de espírito com a poesia simples do poeta de sua preferência: Verlaine".

Flávio de Aquino, 1949

Pedrosa, José Alves

Rio Acima, MG, 1915

Desenhista, escultor e pintor, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1937, após residir algum tempo em Belo Horizonte. Freqüenta desde então, o curso livre de escultura da Escola Nacional de Belas Artes, tendo como professor Correia Lima. Participou da segunda exposição do Grupo Dissidentes, da Escola, na Associação Brasileira de Imprensa, em 1943. Recebeu medalha de ouro no Salão Nacional de Belas Artes, em 1945 e desse ano até 1948, residiu em Paris. Expôs com Milton Dacosta na Galeria Tenreiro, no Rio de Janeiro em 1955, e na sede da Associação de Amigos do Museu de Arte Moderna, em São Paulo, em 1966. Participou da mostra sobre a escultura dos anos 50 no Centro Empresarial Rio, em 1977. Reside no Rio de Janeiro.

Martins, Maria

"O mais autêntico na obra escultórica de Maria é a sua biológica bidimensionalidade. Mesmo quando ela estende no espaço seus juncos e seus membros, para formar uma espécie de rede esburacada... o que vive é o plano, e o que sobressai é a aderência das formas. Há algo de rastejante nelas, que pedem por sua vez, algo de sólido, um tronco, um muro para encostar-se... São formas parasitas que só podem articular-se, desabrochar, sobre corpos estranhos. Esses corpos estranhos são sempre contingentes, isto é, significam a natureza externa: representam os outros ou o seu próprio corpo, num derradeiro esforço narcísico para perdurar. A arte de Maria age como sanguessuga, uma garra de nervos lasos, embora dominados por uma vontade brutal, mas que não é mais senão um desesperado capricho, doloroso espasmo".

Mário Pedrosa, 1957

Martins, Maria

Campanha, MG, 1900 - Rio de Janeiro, RJ, 1973

Transferiu-se com a família para o Rio de Janeiro, realizando seus estudos preparatórios em Petrópolis. Interessada inicialmente em música e depois pelo jornalismo (manteve coluna assinada no Correio da Manhã e, já embaixatriz, foi o primeiro jornalista brasileiro a entrevistar Mao Tsé-Tung e escreveu três livros "O planeta China", "Índia e o Mundo Novo" e "Ásia Maior"), optou pela escultura aos 26 anos, realizando seus estudos no Equador (madeira), Japão (terracota e cerâmica) e na Bélgica (com Oscar Jesper). A partir daí desenvolveu o essencial de sua obra no exterior. Nos Estados Unidos participou de exposições em Filadélfia (1940), Nova York (Arte Latino-Americana", em 1941), "Homenagem a Rodin" (Galeria Buchhols, em 1942), em Ohio ("Arte Religiosa Hoje", em 1944) e St. Louis (Origens da Escultura Hoje", em 1946). Simultaneamente realizou individuais na Galeria Corcoran, de Washington, em 1941, nas Galerias Valentine, em 1942, 1943, 1944 e 1946, e Julien Lery, em 1947, ambas em Nova York. Em Paris, figurou na "Exposição Internacional do Surrealismo", realizada na Galeria Maeght, em 1947, organizada por Marcel Duchamp e individual na Galeria Drouin, em 1949. Retornou ao Brasil em 1950, participando da Bienal de São Paulo em 1951, 1953 e 1955, neste último ano recebendo o prêmio de melhor escultor brasileiro, e realizando individuais nos Museus de Arte Moderna de São Paulo (1950) e do Rio de Janeiro (1956). Suas obras figuraram nas exposições "Tradição e Ruptura" (Fundação Bienal de São Paulo), em 1984, "Rio: vertente surrealista" (Galeria Banerj) em 1986 e "Modernidade: Art Brésilien du XXe. Siècle", no Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris.

Meireles, Cildo

Rio de Janeiro, RJ, 1948

Residiu sucessivamente em Goiânia, Belém, Brasília, Nova York (1971/1973) e Rio de Janeiro. Começou seus estudos de arte em Brasília, com Felix Barrenechea, tendo participado em 1965, do II Salão Nacional de Brasília. Sua primeira individual foi realizada em 1967, no Museu de Arte Moderna da Bahia, em Salvador. Veio em seguida para o Rio de Janeiro, prestou exame vestibular para a Escola Nacional de Belas Artes mas, frequentou-a apenas por dois meses. Em 1969 recebeu o grande prêmio do Salão da Bússola e fundou, com Frederico Moraes, Luiz Alphonsus e Guilherme Vaz, a Unidade Experimental do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. No ano seguinte, foi um dos participantes do evento "Do corpo à Terra", Parque Municipal, em Belo Horizonte e da mostra "Information", no Museu de Arte Moderna de Nova York. Figurou ainda nas Bienais de São Paulo (1981), Veneza (seção Atualidade Internacional, 1976), Paris (1977) e Sidney, Austrália (1984) e das mostras "Modernidade - Art Brésilien du XXe. Siècle", no Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris (1987) e "Brazilian Projects", (PS 1/Projects Studios One, em Nova York, 1988). Realizou mais de uma dezena de individuais em galerias e museus do Rio de Janeiro e São Paulo. Fez figurinos e cenários para teatro e cinema e foi um dos fundadores da Revista Malazartes e do jornal "A parte do fogo". Sua obra foi analisada em volume da "Coleção Arte Brasileira Contemporânea" da Funarte em 1981, com textos de Ronaldo Brito e Eudoro Augusto Macieira de Souza. Reside no Rio de Janeiro.

Meireles, Cildo

"Quando se afirma que Cildo leva Duchamp mais adiante, não se quer elaborar uma frase de efeito com acento de heresia, ou atribuir ao trabalho do artista brasileiro uma presunção que ele jamais assumiu. Trata-se apenas de constatar que a trajetória de Cildo já pressupõe a ruptura de Duchamp... Comentando Duchamp, em texto de 1970, Cildo admitia que a proposta daquele foi inúmeras vezes retomada como "lição mal aprendida" uma vez que a luta contra o domínio das mãos seria, em última análise, uma bandeira contra a mecanicidade e habitualidade geradoras do que então se chamou "gradativo entorpecimento emocional, racional, psíquico do indivíduo".

Eudoro Augusto Macieira de Sousa, 1980

Caldas Jr., Waltércio

"Há um dispositivo Waltércio Caldas. Um modo específico de operar que é a verdadeira questão colocada por seu trabalho. Para além de um repertório de procedimentos, há uma máquina de raciocínio em ação, com mecanismos próprios, funcionando de maneira a transformar caracteristicamente o material coletado. Analisar a obra do artista significa então observar o comportamento dessa máquina, compreender o seu funcionamento, marcar o seu campo de operação. E, depois, questionar quais seriam os seus efeitos artísticos. Esses efeitos é que permitem verificar, de uma forma concreta, o interesse de um trabalho para o nosso ambiente cultural".

Ronaldo Brito, 1985

Caldas Jr., Waltércio

Rio de Janeiro, RJ, 1946

Estudou com Ivan Serpa em 1963, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e em 1968 começa a atuar como artista gráfico. Entre 1973 e 1988 realizou treze individuais no Rio de Janeiro e São Paulo. Figurou na Bienal de São Paulo (1983), e nas mostras "Abstract Attitudes - Center for Interamerican Relations", de Nova York, em 1984, "A nova dimensão do objeto" (Museu de Arte Contemporânea da USP) 1986, "Em busca da essência - Elementos de redução na arte brasileira", sala especial da Bienal de São Paulo, 1987, e "Modernidade - Art Brésilien du XXe. Siècle", no Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris. Participou do "Encontro Internacional de Escultores", em Punta del Este, Uruguai, em 1982. Sua obra foi analisada nos livros "Aparelhos de Waltércio Caldas", 1979, e "Manual de Ciência Popular", 1986, respectivamente por Ronaldo Brito e Paulo Venâncio Filho. Reside no Rio de Janeiro.

Tunga (Antonio José de Mello Mourão)

Palmares, PE, 1952

Arquiteto formado em 1974, desenhista e es-
cultor, realizou, a partir de 1973, cerca de 20 exposições
em Santiago do Chile, Rio de Janeiro, São Paulo e João Pes-
soa. Figurou em coletivas na Galeria Nacional do Canadá, em
Ottawa, em Nova York e Milão, na Itália, nas Bienais de São
Paulo (1981 e 1987) e de Veneza (1982) e na mostra "Moderni-
dade: Art Brésilien du XXe. Siècle", no Museu de Arte Moder-
na da Cidade de Paris, em 1987. Reside no Rio de Janeiro.

Tunga (Antonio José de Mello Mourão)

"Circular entre as peças, observá-las, exige por isso um rigor fluido. Atenção reflexiva a seu evidente caráter sistemático pois os elementos devem ser lidos como mediações, como significados quase exatos. Atenção vaga e volátil aos seus efeitos estéticos - à serena inquietude, à delicada mas paranóica trama de qualidades que se propagam. Semelhante cena, tão íntima e irreconhecível, parece propor uma paradoxal participação esquizofrênica. Reencontraremos aí o drama de Cézanne e Duchamp, a questão do Sujeito da Modernidade.

Ronaldo de Brito, 1980

Resende, José de Moura

"José Resende continua direto, manual, não interpretativo, não ilusionista, porém - ao contrário da antiga postura que aliava gesto e construção de uma maneira "exteriorizada" segundo Resende e quase gráfica - hoje ele organiza seus elementos de forma fluida, interior e praticamente orgânica. Agora há o acaso, a surpresa e a especulação lúdica. E não há mais o fator alusivo. A sua abstração, não é uma abstração de alguma coisa ou a abstração pura. É uma abstração que nasce da própria experiência com o material. Seus trabalhos são o retrato complexo, mas direto de uma ação".

Sheila Leirner, 1983

Resende, José de Moura

São Paulo, SP, 1945

Aluno da Fundação Armando Álvares Penteado em 1963, estudou com Wesley Duke Lee nesse mesmo ano. No ano seguinte integrou o Grupo Rex e fundou, com Carlos Fajardo, Luiz Paulo Baravelli e Frederico Nasser, a Escola Brasil. Sua primeira participação coletiva, se deu na mostra Jovem Desenho Nacional, no Museu de Arte Contemporânea da USP, à qual se seguiram, em 1967, Jovem Arte Contemporânea, no mesmo museu, o II Salão Nacional de Brasília e a Bienal de São Paulo, em todas elas premiadas com aquisição. Expôs com seu grupo da Escola Brasil, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro em 1970, figurou no Panorama da Arte Atual Brasileira, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1972 e 1975, obtendo respectivamente menção honrosa e o prêmio de escultura, nas Bienais de São Paulo (1983) e de Paris (1980), menção especial. Participou das mostras, de escultura ao ar livre em Hakone (Japão, 1985, onde foi premiado), "Tradição e Ruptura" (Fundação Bienal de São Paulo, 1984), Exposição Internacional de Escultura Efêmera, Fortaleza, 1986, "A nova dimensão do Objeto" (Museu de Arte Contemporânea da USP, 1986) e de "Modernidade - Art Brésilien du XXe. Siècle", no Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris. Realizou individuais em São Paulo e no Rio de Janeiro, e tendo residido nos Estados Unidos, em 1985, como bolsista da Guggenheim, foi o vencedor do concurso "Uma escultura para o Mar de Angra", promovido pela TurisRio. Uma de suas peças integra o Parque de Esculturas da Praça da Sé, em São Paulo. Reside em São Paulo.

Jackson Ribeiro, Fernando

Teixeira, PB, 1928

Autodidata, dedica-se à escultura depois de exercer várias profissões. Transfere-se para o Rio de Janeiro e aqui participa, entre 1959 e 1964, do Salão Nacional de Arte Moderna. Nesse último ano recebe o prêmio de viagem ao exterior, que ele cumpre entre 1965 e 1967, em Barcelona e em Paris. Participou das Bienais de Antuérpia (1961), São Paulo (1961), Veneza (1962), Paris (1963), Bahia (1968 e Montevideu (1970). Figurou ainda na mostra "Escultura moderna del Brasil", na Casa de La Paz, México, em 1967 do Salão Eppo (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro), em 1968, no qual recebeu o grande prêmio e da manifestação "Um mês de arte pública", no Aterro do Flamengo, em 1968. Realizou individuais em Lisboa, Paris e Rio de Janeiro. Integrou a Comissão Nacional de Belas Artes. Reside em Curitiba.

Jackson Ribeiro, Fernando

"... Eu fui surpreendido na Bienal de S.Paulo em 1961, por suas estruturas "elementares" que unem o metal à pedra, elementos "ready-made" dos motores à pedra bruta ou ligeiramente trabalhada. Atualmente Jackson não se satisfaz mais em experimentar passivamente a iluminação de suas visões. Ele domina seu trabalho e lhe comunica toda a energia brutal da sua natureza. O "clic" se produz sem impactos, a corrente passa, a comunicação está livre de qualquer retórica. As esculturas de Jackson são belas porque são fortes, sólidas, cuidadosamente equilibradas. Porque elas estão presentes, pura e simplesmente, e porque ninguém ousaria pô-las em questão".

Pierre Restany, 1967

Krajcberg, Franz

Kozienice, Polonia, 1921

Após estudar engenharia na Rússia, transfere-se para Stuttgart, na Alemanha, onde frequenta entre 1945 e 1947, a Academia de Belas Artes, tendo como mestre Willi Baumeister. Vai a Paris e logo embarca para o Brasil. Aqui viveu sucessivamente, em São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro. Trabalha como operário na Bienal de São Paulo, ao mesmo tempo que dela participa como artista, em 1951, 1953, 1957 (prêmio de melhor pintor nacional), 1961, 1963 (sala especial), 1973 e 1977. Duas vezes participou do Salão Nacional de Arte Moderna, em 1953 e 1957. Figurou ainda no Salão Comparaison, de Paris, em 1961 e 1965, das Bienais de Veneza (em 1964. Prêmio Cidade de Veneza), da Bahia (1966, sala especial) e Menton, França, em 1970, do Panorama da Arte Atual Brasileira, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1972 e das mostras "Visão da Terra" (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro) em 1977, "Esculturas Efêmeras", Fortaleza, em 1986, "Modernidade: Art Brésilien du XXe. Siècle", no Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris, e "Brazilian Projects" (PS 1/Projects Studios One, Nova York) em 1988. Realizou individuais em São Paulo, Rio de Janeiro, Paris, (Centro Pompidou), Oslo, Roma, Jerusalém (Museu de Israel), Brasília, Ibiza, Milão e Atlanta, nos Estados Unidos. Reside em Nova Viçosa, Bahia, e Paris.

Krajcberg, Franz

"Krajcberg pertence, com consciência e originalidade, a este poderoso movimento de artistas que procuram reintegrar, com sensibilidade e inteligência, a natureza na arte. Nele, como sempre foi regra, tudo se origina de uma verdade inscrita na natureza, de uma emoção guardada na memória e se realiza em comunhão instintiva com a natureza, esta mãe desdenhada por mais de uma estética e pela imitação servil da realidade".

Walter Zanini, 1961

Salgueiro, Maurício

"A confluência do visual e do sonoro-olfativo, em ritmo pulsante, dá grande força e atualidade à escultura de Salgueiro. Confluência também de qualidades estéticas e sociológicas (muitos poderão ver em seu trabalho uma atitude crítica em relação à poluição ambiental). Porém, acima de tudo isso, creio ser mais importante detectar no seu trabalho esta tentativa de captar e transmitir a "condição da máquina" - sua intimidade ou interioridade, seus "espaços subjetivos". Tentar compreender a natureza do homem, pois as máquinas são projeções (ou extensões) humanas... Com suas antenas permanentemente ligadas, o artista antecipa, vislumbra, detecta, os novos ambientes, as novas realidades".

Frederico Morais, 1976

Salgueiro, Maurício

Vitória, ES, 1930

Formado pela Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, recebeu o prêmio de viagem ao exterior no Salão Nacional de Arte Moderna, em 1960. Aproveitou o prêmio para prosseguir seus estudos de escultura em metal e fundição na "Bromley Art School" de Londres, em 1961, e em Paris, em 1962. Figurou ainda nos salões de Belo Horizonte e Brasília (1964), Esso (no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e na União Panamericana, em Washington, em 1965), do Salão Comparaison, Paris, 1965, das Bienais de São Paulo (1965, 1967 e 1971 - sala especial Novas Proposições) e de Paris (1965) e das mostras "Escultura Moderna del Brasil" (México, 1967), "Panorama de Arte Atual Brasileira" do Museu de Arte Moderna de São Paulo (1975), "Madeira, Matéria de Arte" (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro), 1980 e "Ponte para o Século XXI", no Rio Design Center, em 1988. Esteve ainda entre os escultores que expuseram na Praça Roosevelt, São Paulo, em 1970, e no SESC/Tijuca, no Rio de Janeiro, 1977. Realizou individuais em Vitória, Rio de Janeiro, Lima, (Peru), Belo Horizonte e Assunção (Paraguai). Foi professor da Universidade Federal Fluminense, da Escola de Belas Artes da UFRJ e da PUC/RJ. Reside no Rio de Janeiro.

Tenreiro, Joaquim

Melo, Portugal, 1906

Após duas visitas, em criança e aos 19 anos, instala-se definitivamente no Brasil em 1928. Estuda no Liceu Literário Português em 1929 e dois anos depois é um dos fundadores do Núcleo Bernardelli. Participa da divisão moderna do Salão Nacional de Belas Artes, recebendo medalha de prata em 1945, e do Salão Nacional de Arte Moderna, recebendo em 1961, o certificado de isenção de júri. Trabalhou como desenhista de móveis nas firmas Laubisch & Hirth e Leandro Martins, executando em 1941, para a residência do industrial Francisco Inácio Peixoto, de Cataguases, projetada por Oscar Niemeyer, os primeiros móveis modernos do Brasil. Acabaria fundando sua própria firma de móveis, abrindo lojas em São Paulo e Rio de Janeiro, esta funcionando também como galeria. Figurou na Bienal de São Paulo em 1965, na mostra JB/Resumo (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro), em 1971 e no Panorama de Arte Atual Brasileira do Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1972 e 1973. Realizou cerca de 10 individuais a partir de 1946, no Rio de Janeiro, São Paulo e Washington. A retrospectiva de sua obra, realizada em 1978, nos museus de arte moderna do Rio de Janeiro e São Paulo lhe valeram respectivamente o prêmio Golfinho de Ouro e o da Associação Paulista de Críticos de Arte. Reside no Rio de Janeiro.

Tenreiro, Joaquim

"Artista-artesão, era natural que em Tenreiro prevalecesse o visual sobre o verbal. O verdadeiro conteúdo de sua obra é, portanto, o visual (agora estou me referindo unicamente aos relevos e esculturas). Entretanto, como a matéria prima com que lida é a madeira, sua visualidade está cercada de taticidade. De termicidade, como diz Antonio Houaiss, que confessa amar o amor de Tenreiro à madeira. Seus relevos atraem a vista tanto quanto a mão, ou melhor, "agarrado" pela vista, o espectador se "defende" tocando, bulindo, acariciando seus relevos e esculturas. Desta junção do visual com o tátil, surgem novas formas que Houaiss nomeia de esculpinturas, pinturesculturas, arquiesculturas".

Frederico Morais, 1977

Castro, Willys de

"O sentido exemplar da obra de Willys de Castro me parece assim a sua heróica coerência e fidelidade ao projeto construtivo como foi assumido e desenvolvido no Brasil. Por isto os "pluriobjetos", desde a minuciosa execução até às suas conseqüências finais, exprimem muito mais do que uma deliberação subjetiva - exprimem as conquistas, as tensões e contradições de todo esse projeto. Neles estão incritas, teorizadas e vividas as questões construtivas que, sobretudo durante um certo período, nas décadas de 50 e 60, ansiávamos por tornar "nossas". O intrigante é que, evidente mente ligados a esse passado, os "pluriobjetos" sejam ainda tão presentes e... tão abertos ao futuro".

Ronaldo Brito, 1983

Castro, Willys de

Uberlândia, MG, 1926 - São Paulo, SP, 1988

Transfere-se para a capital paulista em 1941, onde estuda desenho até 1942, com André Fort. Formado em Química (1948), trabalha como desenhista técnico entre 1944 e 1955, fundando com Hércules Barsotti, em 1954, o Estúdio Projetos Gráficos. Foi ainda um dos fundadores do movimento Ars Nova e da Revista Teatro Brasileiro, da qual foi diretor de arte, tendo feito cenários e figurinos para o Teatro de Arena e o Teatro Cultura Artística. Participou do Salão Paulista de Arte Moderna em 1954, 1957 e 1959. Em 1959 integra-se ao Movimento Neoconcreto, do Rio de Janeiro, participando das exposições do grupo. Entre 1963 e 1965, participou do grupo Novas Tendências, de São Paulo. Figurou na "Mostra Internacional de Arte Concreta" organizada por Max Bill e apresentada em 1960, em Zurique e Munique, na Bienal de Paris (1961) e nas mostras "Projeto Construtivo Brasileiro em Arte" (Pinacoteca de São Paulo e Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro) em 1977, "Tradição e Ruptura" (Fundação Bienal de São Paulo), 1984 e "Modernidade: Art Brésilien du XXe. Siècle", no Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris, em 1987. Realizou sua primeira individual na Galeria das Folhas, em 1959. Seguiram-se outras, no Rio e em São Paulo.

Palatnik, Abraham

"Nos meus trabalhos, procuro os princípios que geram informações, ou seja, o princípio da ordem e da essência. As informações do universo estão geralmente ocultas, disfarçadas em meio à desordem. É necessário o mecanismo da percepção e da intuição, para que estas se manifestem "de repente". É por esta "surpresa" que tenho o maior interesse e fascínio. Inicia-se o processo da "permuta" e por meio de tecnologia adequada, procuro disciplinar as informações. A forma de alguma coisa não é apenas o seu contorno, mas principalmente a sua essência. Alcançar essa essência, é realmente intrigante. É a origem de todas as manifestações estéticas manipuladas pelos artistas. A sensibilidade é posta à prova, o mecanismo da improvisação de sabrocha, e o ludismo se apresenta reaproximando o homem de sua condição de participação e integração".

Abraham Palatnik, 1977

Palatnik, Abraham

Natal, RN, 1928

Com quatro anos transfere-se para a Pales
tina, realizando estudos técnicos (motores de explosão) e
artísticos (pintura, escultura, história e estética) em Tel
Aviv, entre 1943 e 1947. Novamente no Brasil e radicado no
Rio de Janeiro, recebe orientação estética de Mário Pedrosa
e começa a pesquisar a integração de luz e movimento em apa
relhos cinecromáticos. Um desses aparelhos recebeu menção
especial na I Bienal de São Paulo (1951). Novo aparelho foi
exposto na II Bienal de São Paulo, em 1953, ano em que par
ticipa da I Exposição Nacional de Arte Abstrata de Petrôpo
lis. Integra o Grupo Frente (1954-1956) participando da se
gunda mostra do grupo com móveis modernos. Voltaria a parti
cipar da Bienal de São Paulo em 1955, 1959, 1961, 1965, 1967
e 1969. Figura ainda no Salão Nacional de Arte Moderna (1960),
na Bienal de Veneza (1964), no Salão Comparaison, Paris, em
1965 e das mostras "Projeto Construtivo Brasileiro em Arte"
(Pinacoteca de São Paulo e Museu de Arte Moderna do Rio de
Janeiro), "A nova dimensão do objeto" (Museu de Arte Contem
porânea da USP), em 1986 e "Modernidade: Art Brésilien du
XXe. Siècle", no Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris,
em 1987. Realizou individuais em São Paulo, Rio de Janeiro,
Ulm, Washington e Nova York. Reside no Rio de Janeiro.

Vieira, Mary

São Paulo, SP, 1927

Muda-se para Belo Horizonte com a família, onde frequenta a "Escola do Parque", estudando com Guignard. Sua primeira participação em coletivas, deu-se no Salão de Arte de Belo Horizonte, em 1947. No ano seguinte, em Araxá e em Lambari em 1949, cidades do interior de Minas Gerais, realiza suas primeiras esculturas cinéticas e multivolumes. Transfere-se em 1951 para a Suíça, onde três anos depois, integra o Grupo Alianz (Associação de Artistas Concretos da Suíça), ao lado de Max Bill e Camille Graeser, entre outros. Realiza em 1955, seus primeiros múltiplos, integra a Mostra Internacional de Arte Concreta, organizada por Max Bill, em 1960, em Zurique e Munique e, em 1966, assume como titular, a cadeira de estruturação espacial da Escola Superior de Arte e Técnicas de Planejamento Gráfico e Desenho Industrial de Basiléia, na Suíça. Recebe o Prêmio Internacional Mari-netti, no Salão Realidades Novas do Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris. Figura nas Bienais de São Paulo (1953, premiada, e 1955), de Antuérpia, 1959, de Paris, 1961, de Nuremberg ("Arte construtiva: elementos e princípios", 1969), de Veneza (sala especial, 1970), da Trienal de Milão, 1968 e de dezenas de exposições de arte construtiva ou cinética, em galerias, museus e universidades da Suíça, França, Itália, Suécia, Dinamarca, Holanda, Estados Unidos, Canadá e Israel. Sua obra foi analisada por Alberto Sartoris, no livro "I polyvolume di Mary Vieira", publicado em Milão. Reside em Basiléia e em Milão.

Vieira, Mary

"Mary Vieira introduziu na escultura contemporânea a nova linguagem do dinamismo não motorizado, da articulação manual que pressupõe a intervenção direta do observador, a participação livre do público. (...) Inaugurou um conceito novo de plasticidade socialmente realizado, onde o público, da condição de espectador é promovido ao nível de co-autor da obra, participando, subjetivamente, do seu vir-a-ser volumétrico inter-temporal e meta-espacial".

Alberto Sartoris, Milão, 1968

Camargo, Sérgio

"Os ângulos tornaram-se vertiginosos, algumas peças têm incontáveis variações formais, porém não é o simples efeito visual que ele procura alcançar. A forma é apenas uma resultante da manipulação das estruturas. É isso o que encanta a Sérgio de Camargo e que dá um caráter fascinante ao seu trabalho. Porque finalmente cada peça torna-se como um estrutura viva de energia, pinçada de algum campo de força e colocada apenas por alguns em repouso. É suficiente a luz ou algum observador movimentar-se ao seu redor, para que imediatamente elas comecem a dar mostra de sua pulsação".

Casimiro Xavier de Mendonça, 1980

Camargo, Sérgio

Rio de Janeiro, RJ, 1930

Estuda com Emílio Pettorutti e Lúcio Fontana na Academia Altamira, Buenos Aires, em 1946. Dois anos depois fixa-se em Paris, onde estuda filosofia na Sorbonne e mantém contatos com Arp, Brancusi e Vantongerloo. Retorna ao Brasil em 1953 e no ano seguinte, vai à China. De 1954 (isenção de júri) a 1961, participa do Salão Nacional de Arte Moderna, figurando na Bienal de São Paulo em 1955, 1957, 1965 (melhor escultor nacional), 1977 e 1979. Realiza suas primeiras individuais em 1958 na Galeria Gea, Rio de Janeiro, e Galeria das Folhas, em São Paulo. Entre 1961 e 1974, reside em Paris. Participa da Bienal de Paris, em 1963, na qual é premiado, do Salão de Jovem Escultura (1963, 1964, 1967 e 1969), do Salão de Maio (1966, 1967, 1970, 1971 e 1973), e de várias mostras na Galeria Denise René. Desde então vem tendo uma intensa participação internacional, que o levou a figurar na França, Itália, Bélgica, Suíça, Suécia, Noruega, Inglaterra, Alemanha, Escócia, México, Venezuela, Israel etc. Participa também das Bienais de Veneza (em 1966, sala especial, e 1982) de Carrara, na Itália (1973), Medellín, na Colômbia (1970) Menton, na França (1969) e da Documenta de Kassel (1968), da Mostra de Escultura ao Ar Livre no Syon Park, em Londres, (1969) e de "Modernidade - Art Brésilien du XXe. Siècle", no Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris, em 1987. No Brasil participa ainda, do X Salão de Campinas Documento/Debate, em 1975, do "Projeto Construtivo Brasileiro em Arte" (Pinacoteca de São Paulo e Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro), em 1977, do Panorama de Arte Atual Brasileira do Museu de Arte Moderna de São Paulo em 1978, e das exposições Escultura ao Ar Livre no SESC/Tijuca, Rio de Janeiro, em 1977, "100 anos de escultura Brasileira", Museu de Arte de São Paulo, 1982, "50 anos de escultura no Espaço Urbano", Praça Nossa Senhora da Paz, no Rio de Janeiro em 1978, "Tradição e Ruptura" (Fundação Bienal de São Paulo), em 1984. Tem peças na Praça da Sé em São Paulo, e no Parque da Catacumba, no Rio de Janeiro. Realizou exposições individuais no Rio, São Paulo, Londres, Milão, Zurique, Nova York, Caracas, Cidade do México. Reside no Rio de Janeiro.

Clark, Lygia

Belo Horizonte, MG, 1921 - Rio de Janeiro, RJ, 1988

Após iniciar seus estudos de arte com Burle Max, no Rio de Janeiro em 1950, viaja para Paris, onde permanece até 1952, ali estudando com Fernando Léger, Arpad Szenes e Dobrinski. Participa do Salão Nacional de Arte Moderna de 1952 a 1954, recebe o prêmio Prefeitura de Petrópolis, na I Exposi o Nacional de Arte Abstrata, realizada no Hotel Quitandinha, em 1953. Integra o Grupo Frente (1954-1956) e o Movimento Neoconcreto (1959-1961), participando das exposi es desses grupos no Rio, São Paulo e Salvador. Figurou nas Bienais de São Paulo (1953, 1955, 1959, 1961, prêmio de melhor escultor nacional, 1963, sala especial, e 1966) e Veneza (em 1960, 1962 e 1968). Realizou sua primeira individual em 1960, na Galeria Bonino, seguindo-se outras em Nova York, Stuttgart, Rio e São Paulo. Participou de inúmeras coletivas no Brasil e no exterior, entre as quais, "Antologia da Escultura Móvel", na Galeria Signals, de Londres, em 1965, "Nova Objetividade Brasileira" no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em 1967, Salão Realidades Novas, Paris, 1969, "Projeto Construtivo Brasileiro em Arte" (Pinacoteca de São Paulo e Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro) em 1977, "Tradi o e Ruptura" (Fundai o Bienal de São Paulo) em 1984, "Modernidade: Art Brésilien du XXe. Si cle", no Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris em 1987, e de "Brazilian Projects", (no PS 1/Projects Studios One, Nova York), em 1988. Em 1969 esteve presente no Simpósio de Arte Sensorial na Califórnia, Estados Unidos e, entre 1970 e 1975 ensinou na Sorbonne, em Paris. Sua obra foi analisada em livro da Cole o Arte Brasileira Contemporânea, da Funarte, 1980.

Clark, Lygia

"Lygia está entre o jogo e o sério. Entre o brinquedo e a máquina. Entre o inútil e o útil. Suas construções convidam-nos a brincar, pelas possibilidades de movimento que têm, e ao mesmo tempo nos afastam, ou por seu tamanho ou por seu convite à contemplação. Mas, de qualquer modo, pertencem elas àquelas séries de "machines inútiles", concebidas por Picabia na época surrealista. As máquinas inúteis de Picabia, continham em si uma ironia. As "máquinas" de Lygia contêm, ainda, a mística da arte. Esta é sua contradição".

Ferreira Gullar, 1964

Castro, Amílcar de

"A importância do trabalho de Amílcar reside, precisamente, na tentativa de formular o mundo pela primeira vez, de captá-lo numa síntese intuitiva. Trata-se de uma experiência dramática em que, à liberdade total, se opõe uma vontade de ordem, mas uma ordem que brote da liberdade mesma. Daí a necessidade de um rigor, de uma disciplina interna que nenhum princípio a priori pode suprir (...). Essa busca do essencial que caracteriza a escultura de Amílcar, não a torna uma entidade metafísica, pelo contrário, partindo do racionalismo concretista, Amílcar por assim dizer o reduziu à matéria, e transmudou a busca da forma abstrata em busca da forma terrestre: a expressão quer levantar vôo mas não quer abandonar a matéria da vida. Daí o peso e a densidade de suas asas de ferro".

Ferreira Gullar, 1982

Castro, Amilcar de

Paraisópolis, MG, 1920

Ao mesmo tempo que se formava em Direito, freqüentava a "Escola do Parque", em Belo Horizonte, onde estudou com Guignard, entre 1942 e 1950. Transferindo-se para o Rio, na segunda metade da década de 50, fez a reforma gráfica do "Jornal do Brasil" e, sucessivamente, de vários jornais brasileiros. Integra-se em 1959, ao movimento Neoconcreto, participando das mostras do grupo no Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo e, em 1960, da Mostra Internacional de Arte Concreta organizada por Max Bill e apresentada em Zurique e Munique. Figura na Bienal de São Paulo em 1953, 1965 e 1979 (sala especial) e no Salão Nacional de Arte Moderna em 1961, 1962, 1964, 1966 e 1967, recebendo neste último ano, o prêmio de viagem ao exterior. Bolsista da Guggenheim, reside em Nova Jersey, Estados Unidos, entre 1968 e 1971. Recebeu os prêmios de desenho e escultura (1977 e 1978), do "Panorama de Arte Atual Brasileira", do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Participou ainda das exposições "Projeto Construtivo Brasileiro em Arte" (Pinacoteca de São Paulo e Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro) 1978, Bienal do México, com desenhos, em 1979, "América Latina: Geometria Sensível", Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 1979, "Mostra Internacional de Escultura Efêmera", Fortaleza, 1986 e "Modernidade: Art Brésilien du XXe. Siècle", no Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris. Realizou individuais no Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Diretor da Fundação Guignard, em 1970, ensina na Escola de Belas Artes da UFMG. Reside em Belo Horizonte.

Weissmann, Franz

"Weissmann encontrou o seu caminho próprio que, ao longo de trinta anos, veio se aprofundando e enriquecendo. Da rejeição radical da massa e de sua redução a meras notações no espaço, chegou à criação de uma verdadeira poética do espaço, voltada para o presente e para o futuro. Onde havia a massa, há agora o vazio, o espaço indeterminado, e é dentro dele que nasce - como uma planta - a escultura de Franz Weissmann. E que, ao nascer, cria um novo espaço - um espaço humano no limite do espaço natural. Uma delicada transfiguração, que parece buscar a justa medida do homem e da natureza, do imaginário e do real, sem violência. Uma poética do espaço que é, ao mesmo tempo, uma ética da expressão: o mínimo de recursos para que, sem ênfase, a poesia, beleza, enfim o espírito do homem se construa fora do homem, no ar, aqui, agora, no espaço comum da cidade".

Ferreira Gullar, 1980

Weissmann, Franz

Knittelfeld, Áustria, 1914

Transfere-se com a família para o Brasil em 1924, fixando residência no Rio de Janeiro. Em 1939, matricula-se na Escola Nacional de Belas Artes, mas não completa o curso, passando a estudar com August Zamoyski, entre 1942 e 1944. Muda-se em 1945 para Belo Horizonte, onde três anos depois, passa a ensinar na "Escola do Parque" ao lado de Guignard. Participa da Bienal de São Paulo em 1953 e em 1955, recebendo nesse ano, o segundo prêmio de escultura, e do Salão Paulista de Arte Moderna em 1954, que lhe deu o grande prêmio de escultura. Em 1956, recebe o Prêmio Leirner de escultura. Integra o Grupo Frente (1954-1956) e o Movimento Neoconcreto (1959-1961). Tendo recebido o prêmio de viagem ao exterior no Salão Nacional de Arte Moderna em 1958, viaja para a Europa, Extremo Oriente e Índia, entre 1959 e 1965. Figura nas mostras internacionais de arte concreta organizadas por Max Bill em 1960 (realizadas em Zurique e Munique), no X Salão de Campinas - Debate/Documento em 1975, na Bienal de Escultura ao Ar Livre de Antuérpia, Bélgica, em 1971, Bienal de Veneza em 1972, o Panorama de Arte Atual Brasileira, do Museu de Arte Moderna de São Paulo em 1975, recebendo o grande prêmio de escultura, nas mostras "Projeto Construtivo Brasileiro em Arte" (Pinacoteca de São Paulo e Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro) em 1977 "50 Anos de Escultura no espaço urbano" no Rio de Janeiro, 1978, "Tradição e Ruptura" (Fundação Bienal de São Paulo) em 1984, "Modernidade - Art Brésilien du XXe. Siècle", Museu de Arte Moderna na Cidade de Paris, "100 Anos de Escultura no Brasil" (Museu de Arte de São Paulo) 1982. Tem peças na Praça da Sé, em São Paulo, e no Parque da Catacumba, no Rio de Janeiro. Realizou individuais no Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Madrid e Roma. Reside no Rio de Janeiro.

Fiori, Ernesto de

"Para uma conclusão sobre a obra escultórica de Ernesto de Fiori é imprescindível dizer que - inconfundível em relação à de seus contemporâneos Lehmannbrück, Kolbe, Martini etc. - ela não apenas conservou seus méritos iniciais como soube ainda impulsionar-se por obstinada resolução de pesquisa. Esta capacidade de evolução, o levou às experiências de seus últimos tempos em Berlim e de seu período brasileiro... O tratamento econômico da forma de superfície lisa dos primeiros nus, cede às asperezas da matéria modelada... Instantes de franqueza ele os terá, mas trata-se de resíduos mínimos no corpus de sua trajetória".

Walter Zanini, 1975

Fiori, Ernesto de

Roma, 1884 - São Paulo, 1945

Filho de mãe austríaca e pai italiano, inicia seus estudos de pintura em Munique em 1903, com Otto Greiner. Volta a Roma no ano seguinte, e segue para Londres em 1909, onde permanece 14 meses, prosseguindo seus estudos de pintura. Retorna a Roma, viaja para Paris em 1911, onde permanece até 1914, abandona a pintura e interessa-se pela escultura de Maillol e Degas. Optando pela nacionalidade alemã, participa da I Guerra Mundial entre 1916 e 1917. Nesse ano transfere-se para Berlim, participa da Secessão alemã, realizando sua primeira individual em 1921 na Galeria Gurlitt. Integra a mostra sobre o "Novecento Italiano", em Milão 1926, e expõe com artistas italianos no Museu Rath, de Genebra. Após rápida passagem por Paris, transfere-se para o Brasil, em 1936, fixando residência em São Paulo. Já no ano seguinte, inicia sua participação no Salão de Maio (até 1939), figurando ainda no II Salão da Família Artística Paulista em 1938, e no VII Salão do Sindicato dos Artistas, em 1944. Realiza individuais na Galeria de Theodor Heuberger, no Rio de Janeiro em 1937, e na Casa e Jardim, em São Paulo, 1938, frequenta o ateliê de Bruno Giorgi em 1948, na capital paulista, onde desenha e escreve artigos sobre arte para os jornais, e expõe na Galeria Século, em Roma. Participa, postumamente, na Bienal de Veneza, em 1950, com sala especial. Figura, entre os pioneiros da nova pintura, na mostra "Entre a Mancha e a Figura", realizada pelo Museu de Arte Moderna do Rio, em 1982.

